

Construção de um discurso visual sobre a comensalidade nos espaços públicos de Lisboa: bairro da Graça e zona ribeirinha da Praça do Comércio ao Cais do Sodré

**Juliana Falchetti**

**Dissertação de Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais**

Setembro de 2018

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Antropologia – Culturas Visuais, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Isabel Afonso e co-orientação da Doutora Joana Lucas.

*Aos meus pais, Olavio e Jane, por me amarem e  
respeitarem tanto.*

*À professora Ana e professora Joana, minhas  
orientadoras, pois sem suas valiosas contribuições  
nada disso seria possível.*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus amados pais, Olavio e Jane;

Ao meu querido companheiro Rafael;

Aos meus queridos amigos Leonor, Teresa, Rui, Valter e Halya;

À minha prima Paula;

Aos meus irmãos Rodrigo, Thiago, Isabela e Arthur;

## **Construção de um discurso visual sobre a comensalidade nos espaços públicos de Lisboa: bairro da Graça e zona ribeirinha da Praça do Comércio ao Cais do Sodré**

### **RESUMO**

Esta pesquisa teve como objetivo construir um discurso visual sobre como as pessoas se apropriavam informalmente dos espaços públicos no momento de fazer as refeições construindo novos significados e usos para estruturas arquitetônicas, urbanísticas e de engenharia. O estudo compreendeu os bairros da Graça e zona ribeirinha da Praça do Comércio ao Cais do Sodré. A análise imagética foi realizada a partir da seleção de 154 fotografias, correspondentes a 15 saídas de campo efetuadas no período de 19 meses, entre dezembro de 2016 a junho de 2018. Além da análise sobre a ocupação informal do espaço público e a influência da sazonalidade demos ênfase à descrição da variedade de alimentos consumidos e a proximidade procurando perceber como as pessoas se comportavam e criavam seus espaços individuais quando da apropriação informal desses espaços públicos no momento de alimentar-se. Através de entrevistas com profissionais ligados à Câmara Municipal de Lisboa, ateliês de arquitetura, responsáveis pelos projetos e análise das imagens foi possível concluir que espaços multifuncionais, com maior possibilidade criativa de apropriação estimularam as pessoas a construir significados distintos para cada estrutura no momento de alimentar-se. O presente estudo apresenta resultados cujo campo pode auxiliar os profissionais de arquitetura e urbanismo e gestores públicos a repensar o espaço público, valorizando os temas ligados a alimentação bem como em meios de organizá-los para promover maior bem estar e liberdade aos cidadãos. Para os antropólogos e nutricionistas abre um amplo caminho para a discussão sobre os comportamentos alimentares e suas correlações com a cidade, os espaços públicos e o próprio mercado de consumo.

Palavras-chave: espaço público, apropriação informal, alimentação, discurso visual, sazonalidade.

## ABSTRACT

This research aimed to construct a visual discourse about how people informally appropriated the public spaces at the time of eating, creating new meanings and uses for architectural, urban planning and engineering structures. The study comprised the neighborhoods of Graça and the riverside area of the Commerce Square at Cais do Sodré. The imagery analysis was performed through the selection of 154 photographs, corresponding to 15 field trips made during the 19-month period, between December 2016 and June 2018. In addition to the analysis of the informal occupation of the public space and the influence of seasonality we emphasized the description of the variety of food consumed and the proxemia trying to perceive how people behaved and created their individual spaces when the informal appropriation of these public spaces took place. Through interviews with professionals linked to the Lisbon City Hall, architecture workshops, project managers and image analysis, it was possible to conclude that multifunctional spaces with a greater creative possibility of appropriation stimulated people to construct different meanings for each structure while they were eating. This study presents results that can help architectural and urban planning professionals and public managers to rethink the public spaces, valuing themes related to food as well as organizing them to promote greater well-being and freedom for the citizens. For anthropologists and nutritionists, it opens a wide path for the discussion of eating behaviors and their correlations with the city, the public spaces and the consumer market itself.

**Keywords:** public space, informal appropriation, food, visual discourse, seasonality

## SUMÁRIO

1.	“Senta que lá vem a história” .....	8
2.	A(s) Metodologia(s) em seu (s) detalhe(s) .....	13
3.	Construindo a Pesquisa – Onde? Quando? Como? .....	22
3.1.	Delimitação temporal e Geográfica da pesquisa.....	22
3.2.	A Análise das Imagens .....	24
3.2.1.	A Proxémia.....	25
4.	A fotografia como princípio para um estudo antropológico .....	27
4.1.	Reconstruindo significados: O Inconsciente Ótico.....	30
5.	Comer e Conviver ... Consumir e Partilhar .....	34
6.	Lisboa para as pessoas .....	37
6.1.1.	A Zona da Graça - O projeto “Uma Praça em cada Bairro” .....	41
6.1.2.	Ribeira das Naus.....	42
6.1.3.	A Praça do Comércio.....	46
6.1.4.	O Cais do Sodré.....	47
7.	“Luz, Câmera, Imaginação” - Construindo o Discurso Visual.....	50
7.1.	Zona da Graça .....	52
7.1.1.	As Festas dos Santos Populares.....	66
7.2.	A zona da Praça do Comércio, da Ribeira das Naus e do Cais do Sodré .....	85
8.	Considerações Finais .....	124
8.1.	Zona Ribeirinha – da Praça do Comércio ao Cais do Sodré.....	125
8.2.	A zona da Graça.....	128
9.	Conclusão .....	130
10.	Referências Bibliográficas.....	133

## 1. “Senta que lá vem a história”<sup>1</sup>

Nas minhas caminhadas pela capital portuguesa, com olhar de fotógrafa e imigrante, sempre me chamou atenção a intensa vida nos espaços públicos de Lisboa. Perguntava-me como era possível uma capital de um país ser tão acolhedora e, ao mesmo tempo, ter uma representatividade tão forte para uma nação. Minhas reflexões permeavam certa admiração pela dinâmica peculiar desta cidade que conseguia conciliar seu funcionamento administrativo, político e financeiro com certo aconchego para aqueles que dela desfrutavam.

Percebi que em 2016, ano de minha chegada, Lisboa passava por uma intensa reconstrução. Tudo parecia em obras. Os prédios, os largos, as praças, as ruas e avenidas passavam por uma verdadeira cirurgia plástica, inclusive fiz um projeto fotográfico falando sobre isso. O projeto se chamava “2016” e foi impresso em papel de arquiteto, como em um projeto em constante aprimoramento. Tudo estava a ser renovado. Mais tarde, durante minhas pesquisas para esta tese descobriria que, além de renovado, tudo estava a ser repensado para um novo conceito de viver na cidade.

Ao passar pelos locais e conviver com os espaços públicos observava que existia uma geografia e urbanismo que acolhiam as pessoas e que as faziam criar um vínculo bastante natural e intuitivo com o espaço. As pessoas pareciam não simplesmente passar, mas sim permanecer e recriar significados de convívio entre si partilhando o espaço e também os alimentos. Essa recriação de significados foi o ponto focal que despertou minha atenção, pois havia ali algo muito peculiar: a informalidade da apropriação dos espaços públicos, pelas pessoas, para se alimentarem.

---

<sup>1</sup> Vinheta do programa infantil brasileiro Rá-Tim-Bum da década de 1990. Para começar a contação de uma nova história a vinheta mostra, em forma de desenho animado, uma sala vazia e ouve-se batidas na porta. Um sofá com um menino deitado comendo uma maçã entra na sala (aparentemente voando). Quando o apresentador diz a frase “Senta que lá vem a história” o menino senta-se no sofá atento para ouvir mais uma história. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=NRaQSS4XnzU>

Abaixo segue a transcrição das duas primeiras páginas do meu Diário de Campo desta investigação para o Mestrado em Antropologia – Culturas Visuais e que apresentam meus primeiros pensamentos e passos para a concretização da pesquisa:

*“Meu diário de campo começa tardiamente, pois nos primeiros momentos que saí para fotografar as manifestações “comer na rua” elas não consistiam em um projeto antropológico. No dia 11 de dezembro de 2016 saí com uma Nikon analógica, um filme de 36 poses preto e branco ISO 400 com o intuito de iniciar um projeto fotográfico. Tinha como objetivo observar as relações das pessoas com os espaços públicos e privados quando elas se alimentavam. As perguntas que me fazia eram: Onde as pessoas comem quando estão na rua? Como elas comem? O que elas comem? Como as mesas e cadeiras ficam dispostas? Quem habita esses lugares? Como as mesas e cadeiras ficam dispostas? Os móveis têm um significado associado ao consumo alimentar mesmo quando estão sem pessoas?”*

*Saí de casa, em Arroios, com o pensamento fixo de deixar minha mente aberta e tentar captar coisas que fugiam do óbvio. Tinha também como objetivo produzir imagens cuja estética contribuísse para realçar meu olhar sobre a temática escolhida. Minha formação em fotografia não me permitia ignorar certos elementos que julgava serem fundamentais para a apreensão das ideias. Fotografar arquitetura também me deixou presa à necessidade de construir perspectivas interessantes e com nivelamento quase beirando à perfeição. Não sei até que ponto esse extremo cuidado com o enquadramento limitou ou favoreceu minhas imagens, mas acredito que essa atenção contribuiu para que meu olhar tenha se tornado muito cuidadoso e atento a todos os detalhes.*

*Desci na estação de metro do Rossio e fui seguindo um caminho intuitivo que me levaria ao final de 3 horas de fotografia de volta ao mesmo local de onde havia iniciado a caminhada: a Praça da Figueira. O dia estava belíssimo. Era época de Natal e as ruas estavam cheias. O frio não estava tão intenso e aquilo que me havia estimulado a iniciar o projeto se fazia presente: o ato de se alimentar em comunhão com os espaços abertos.*

*Os vendedores de castanhas enchem a paisagem de uma fumaça de aroma quase doce. Lembro-me de sentir aquele cheiro estranho quando cheguei a Lisboa no dia 04 de janeiro de 2016. A estrutura para assar as castanhas me chamou muito a atenção. A forma da assadeira, a fumaça saindo, as castanhas com aquela*

*tonalidade cinza; Incomodava-me a possibilidade de meu cabelo e minha roupa cheirarem a fumaça como acontecia nos churrascos no Brasil.*

*Observava de longe a relação do vendedor com seu equipamento, a maneira como as pessoas se aproximavam para comprar a sua “dúzia” de castanhas. Mais engraçado é que, apesar de curiosa, não me senti motivada para comê-las. Só observava. Quase um ano depois que cheguei sabia que obrigatoriamente uma das fotos que faria naquele dia seria das castanhas. Fui caminhando sem um percurso definido e meu olhar ia me guiando pelas ruas e ruelas lisboetas.*

*O projeto ficou em stand by depois desse dia, mas em minha cabeça ele continuava fértil. Foi no dia 22 de fevereiro de 2017 que ele voltou à tona como a possibilidade de vir a tornar-se minha tese de mestrado. Marquei uma reunião com a professora Ana Isabel Afonso, coordenadora do mestrado em Antropologia da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Meu objetivo era tentar clarear as ideias sobre meu tema. Apresentei à professora três propostas, sendo a “comer na rua” uma delas. Conversamos muito a respeito e dentre as três a única que já havia algum tipo de envolvimento era essa, ou seja, o fato de eu ter iniciado um projeto anterior demonstrava que era algo que já despertava interesse e me motivava.*

*No dia 27 de fevereiro fui ao laboratório de fotografia das Belas Artes da Universidade de Lisboa e fiz a revelação do filme e digitalização dos negativos. Ontem mostrei o resultado para a professora Ana que teve uma boa impressão sobre o material inicial. Apresentei também as imagens para a professora Catarina (Alves Costa) da disciplina de Antropologia e Imagem que, além de considerar o resultado interessante sugeriu-me iniciar um Diário de Campo, que é este que vos escrevo.*

*Hoje saí para comprar papel, um lápis novo e pensei muito na forma como criaria esse “novo ser”. Decidi colocar as fotos na ordem como foram tiradas, como um percurso do olhar. Para as próximas saídas vou anotar o endereço e as coordenadas geográficas de cada foto. Tenho algumas ideias, mas nada em concreto.*

*Hoje é um marco em minha vida. Eu, Juliana, 35 anos, comecei meu primeiro Diário de Campo”.*

*Lisboa, 04 de março de 2017.*

Dos primeiros passos em busca de imagens que representassem o ato apropriação do espaço público para se alimentar evolui para um objetivo ainda mais restrito e que certamente foi o que despertou minha atenção na continuidade das pesquisas: a apropriação informal desses espaços para se alimentar e como ela se dava ao longo do ano.

Algo que ainda não estava claro para mim era qual a delimitação geográfica que faria parte da pesquisa. No primeiro dia havia fotografado várias zonas (principalmente Chiado, Alfama, Graça, Cais do Sodré, Ribeira das Naus, Rossio e Belém), mas não havia um limite que pudesse me auxiliar a estabelecer comparações. Sem uma área específica seria muito difícil chegar a conclusões. Essas questões foram definidas no dia 20 de abril de 2017 quando da reunião com a professora Joana Lucas, que fora minha professora da disciplina de Antropologia da Alimentação e agora era co-orientadora.

Definiu-se que seriam estudadas duas áreas: a zona da Graça e do Cais do Sodré, incluindo toda a extensão ribeirinha até a Praça do Comércio. A delimitação geográfica deu-se no sentido de restringir o perímetro pesquisado, viabilizando a pesquisa no tempo disponível e também por serem duas áreas que, apesar de muito próximas tinham característica de relevo e ocupação bastante distinta.

Na primeira parte da tese falamos um pouco sobre a metodologia da pesquisa. A descrição metodológica tornou-se necessária à medida que fui percebendo, no decurso da escrita, que o número de considerações e adequações feitas em cada processo demandava maiores explicações e era importante descrevê-los para que o leitor pudesse perceber mais profundamente cada fase da investigação.

Na segunda parte exploramos as relações existentes entre a fotografia e antropologia e a crescente aplicabilidade que a imagem vem tendo nos estudos antropológicos. Abordamos também o conceito de inconsciente ótico como meio de estudar e reconstruir sentidos para além daquilo que o olho é capaz de ver no momento da fotografia e sua importância para toda a análise imagética desta investigação.

Posteriormente fizemos uma caracterização das áreas estudadas, sua delimitação temporal e geográfica e exploramos, através de entrevistas, o conceito atual de espaço

público lisboeta. Aqui fomos além da descrição dos projetos urbanísticos em si, seus usos, funções e procuramos explorar o conceito atual de como estes espaços foram projetados pensando no bem-estar das pessoas e nas possibilidades criativas de apropriação informal para alimentar-se.

Na sequência exploramos a ideia de cultura alimentar lisboeta realizada através da análise imagética de 154 fotografias, correspondentes a 15 saídas de campo efetuadas no período de 19 meses, entre dezembro de 2016 a junho de 2018. Nesta apresentação do discurso visual sobre a apropriação informal dos espaços públicos para alimentar-se falamos sobre a apropriação informal do espaço e das suas sazonalidades. Além disso, demos ênfase à descrição da variedade de alimentos e à proximidade procurando analisar como as pessoas se comportam e criam seus espaços individuais quando da apropriação informal desses espaços públicos.

Finalizamos esta pesquisa apresentando os resultados imagéticos subdivididos por área - zona Ribeirinha e Graça – contextualizando-os com pesquisas sobre antropologia da alimentação e espaço público evidenciando as implicações que a sazonalidade imprime.

## **2.A(s) Metodologia(s) em seu (s) detalhe(s)**

Este capítulo busca apresentar a metodologia da pesquisa em si, mas com vista a detalhar e valorizar o percurso da pesquisadora, as considerações técnicas em cada processo e também, tão importantes quanto, as considerações subjetivas que guiaram e tiveram um papel decisivo no desenvolvimento deste estudo antropológico.

Por minha formação ser, além de Nutrição também em Fotografia e por tratar-se de uma área de especialização em Culturas Visuais desejava que a fotografia fosse o ponto de partida para teoria, e não o contrário. A escolha pela observação não participante, quando das saídas fotográficas, fazia todo o sentido dentro do contexto que estava inserido o estudo que visava, primordialmente, observar os comportamentos espontâneos individuais das pessoas e suas relações informais com o espaço público quando estavam a alimentar-se.

A observação não participante é definida por Spradley (1980: 59) pela presença do investigador no local da ação sem interação significativa com as pessoas estudadas. Segundo o autor esse método exige somente que o pesquisador encontre um "posto de observação" para observar e registrar o que acontece.

Optamos pelo método de observação não participante tendo em consideração também o foco da investigação. Não tínhamos como objetivo aprofundar os questionamentos acerca dos sentimentos e sensações de “estar no local”, os “como” e “por que” individuais que levaram cada um a se apropriar do espaço informalmente, mas sim deixar que o corpo, as ações e seu posicionamento no espaço público comunicassem por si só.

Assim como Hall (1986: 206) que afirma que, de forma geral, no decurso de seus trabalhos baseou-se muito mais ao “como” do que ao “por que” pretendia neste trabalho investigar mais a estrutura do que o conteúdo. De forma alguma desconsideramos a importância e interesse dessa abordagem, no entanto, dentro da

proposta inicial e tempo para a realização da coleta de dados optou-se por não inserir entrevistas com os utilizadores do espaço no corpo da pesquisa.

Outra justificativa que consolida nossa decisão foi a abrangência das áreas. As zonas delimitadas tinham um perímetro geográfico bastante amplo e exigiam que houvesse uma cobertura fotográfica satisfatória das áreas em dado momento.

Durante a escrita da tese, à análise sobre a apropriação informal do espaço público pelas pessoas no momento de alimentar-se, foi somada a análise da proxémia. Termo criado pelo antropólogo Edward T. Hall e desenvolvido no livro “A Dimensão Oculta”, a proxémia designa “o conjunto de observações e teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico” (Hall 1986: 11).

Desta forma consideramos além dos aspectos de apropriação informal dos espaços públicos para alimentar-se, os alimentos ofertados e consumidos, a sazonalidade (temperatura, luz solar, ventos, etc.), a forma como as pessoas se relacionavam espacialmente em um ambiente social público quando se alimentavam. É importante salientar que esta avaliação deu-se a partir da imagem, na pós-análise, pois durante as saídas fotográficas não houve um olhar direcionado para esses comportamentos<sup>2</sup>.

A criação de um discurso visual sustentado em imagens periodizadas e geograficamente delimitadas foi a base para toda a investigação que, para além de uma análise *in loco* no momento do “clique”, passou também por uma pós-análise. Utilizando o conceito de inconsciente ótico, que na linguagem fotográfica é a possibilidade de visualizar, na imagem, detalhes e informações narrativas originalmente indisponíveis ao olhar no momento da ação (Neto and Cantinho 2016: 137) e sabendo que esta pós-análise é também o momento de recriação de novos significados para os dados coletados, categorizamos a pesquisa em dois métodos de recolha de dados no que concerne às imagens: observação não participante direta (recolha de dados mediada pelo dispositivo fotográfico no momento da ação) e indireta (reinterpretação dos sentidos e recolha de dados através da análise das imagens coletadas).

---

<sup>2</sup> Essa consideração, muito pertinente feita pela Professora Ana Isabel Afonso surgiu posteriormente, após a finalização das saídas fotográficas.

A observação não participante (não intrusiva) deu-se inclusive na opção de enquadramento feito durante as saídas fotográficas onde os planos narrativos quanto à distância entre a câmera e o objeto foram, predominantemente, o plano geral/plano aberto. O plano geral caracteriza-se por uma maior distância da câmera ao objeto, com a “personagem” principal ocupando uma pequena parte do enquadramento, valorizando o ambiente em que o mesmo está inserido.

Na pesquisa esta opção foi fundamental para que as pessoas percebessem o mínimo possível que estavam sendo fotografadas, principalmente por tratar-se de áreas turísticas, onde o atrativo era a paisagem e qualquer enquadramento diferente do habitual, apontando a câmera para uma direção não tradicional, despertava a atenção de algumas pessoas e poderia retirar a espontaneidade desejada.

Outro ponto a ser considerado nesta opção de enquadramento, plano geral, era a importância que o entorno oferecia ao estudo. Captar as informações climatológicas como o céu com indicativo de chuva, nuvens, sol e os componentes arquitetônicos que circundavam as pessoas era fundamental para contextualizar as implicações sazonais de cada imagem.

As imagens que apresentavam planos mais fechados, com a personagem ocupando praticamente 100% do enquadramento, foram feitas, em sua maioria, a partir da utilização de aumento da distância focal (aumento do *zoom* da objetiva fotográfica). Esse aumento de *zoom* possibilita modificar o enquadramento aumentando o tamanho do objeto principal na imagem conseguindo um maior detalhamento e evidenciando aspectos importantes que em um plano geral talvez não fossem visíveis, como a definição do tipo de alimento que está a ser consumido, por exemplo.

Ainda sobre os processos metodológicos referentes à imagem um ponto muito importante foi a escolha do dispositivo fotográfico e as diversas variações ocorridas durante o processo. Não iremos nos aprofundar em questões conceituais acerca da evolução tecnológica e suas implicações nos resultados em termos de valor artístico. Centraremos nossa discussão no que tange aos motivos que levaram a cada mudança, os resultados esperados e obtidos e a implicação comportamental (por parte das pessoas que eram fotografadas) que cada dispositivo gerava.

Atualmente em fotografia, pelo acelerado desenvolvimento tecnológico e democratização pela qual a arte vem passando, utilizar a câmera analógica tem uma carga emocional e histórica considerável e confere certo “glamour” à imagem já que poucos fotógrafos (Tissa 2012: 176) as utilizam em trabalhos estruturados. Neste período havia recém terminado minha pós-graduação em Discursos da Fotografia Contemporânea na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e além do material disponível (câmera e filmes) detinha a técnica e conhecimentos necessários para fazer a revelação do rolo e ampliação das fotografias em laboratório a preto e branco. Essa vantagem e de certa forma “exclusividade” me estimulou a iniciar o projeto onde pudesse participar de todos os processos, desde a foto até a ampliação do material, fazendo-me sentir conectada a cada detalhe.

Quando foi decidido que este seria o tema para a presente tese tive que repensar alguns aspectos de custo financeiro, técnico e de tempo para verificar se continuaria com o mesmo equipamento. As considerações feitas eram referentes a: inicialmente, o alto custo do material, desde a compra dos rolos, revelação, ampliação e/ou digitalização dos negativos; segundo: as possibilidades de falhas técnicas em qualquer parte do processo, principalmente na revelação do rolo, que, por ser manual é passível de erros que poderiam comprometer a qualidade ou mesmo inutilizar o resultado final; terceiro: o tempo necessário para fazer todo o processo, desde o momento do *clique* até a imagem digitalizada prejudicando uma análise mais rápida entre o que vivi, o que lembro que vi e o que via na imagem.

Em muitos casos diferentes estágios de análise antropológica exigirão múltiplas transcrições (Goodwin 2001: 161) e possíveis reordenamentos e reconstruções de conceitos tidos como finalizados. Nesta pesquisa, em específico, a revisitação às imagens em diferentes momentos da pesquisa e escrita também possibilitou novas leituras, não só pelo próprio amadurecimento da pesquisa em si que informa mais à medida que as articulações lógicas e subjetivas vão sendo desenhadas, mas também dentro do conceito de inconsciente ótico, que, como explicado anteriormente, possibilita o vislumbre de informações que o olho humano, no momento da ação, não seria capaz de captar.

Dada a conjuntura financeira e de limitações de tempo abandonei a ideia de um projeto analógico e decidi continuar as sessões fotográficas utilizando minha câmera

digital Nikon D800. As vantagens de um dispositivo digital, nomeadamente a D800, eram o baixo custo, a extraordinária qualidade (que possibilitava uma ampliação muito grande, permitindo a visualização de detalhes mínimos), resultados visíveis na hora (no monitor de LCD da própria câmara) e logo após o ensaio, quando do descarregamento das fotos no computador, a possibilidade de uma revisão *in loco* no banco de imagens feito avaliando se havia algo que não houvesse sido fotografado e a alta capacidade de armazenamento de imagens no cartão de memória. Sempre pensei e senti que apertar o “gatilho” da máquina fotográfica consecutivamente causava um estresse para o equipamento, para mim e para as pessoas.

As desvantagens da D800 eram principalmente duas. A primeira que trazia desconforto para a pesquisadora e a segunda que poderia trazer prejuízos para a pesquisa propriamente dita. Para a pesquisadora era o peso considerável do equipamento totalizando, com a objetiva<sup>3</sup> praticamente 3Kg. Sair com o equipamento demandava certa organização e as saídas fotográficas com a Nikon D800 eram sempre planejadas.

Para a pesquisa a implicação era mais comportamental. O corpo robusto e chamativo do equipamento indicava a presença do fotógrafo onde quer que estivesse. Como citado anteriormente, não só a robustez da câmara despertava interesse, mas, somado a isso as opções de ponto de vista que cada foto exigia também. Havia uma discrepância entre meu ponto de interesse e o ponto de interesse que o restante das pessoas optavam por fotografar. Estava em locais turísticos com potencial estético e paisagístico enorme e direcionava meu olhar, na maior parte das vezes, para a direção contrária da tradicional, ou seja, as pessoas comendo. Essa atitude despertava interesse nos comensais que, em alguns momentos, se sentiam notados. Essa interação não era desejada e por vezes abandonei a possibilidade de fotografar por sentir que a espontaneidade não estava mais presente.

A mudança para a fotografia com telemóvel veio após um passeio pela zona da Graça, sem pretensão de fotografar para o projeto. Era um dia de maio e fazia muito calor. Fui mostrar a cidade a um amigo brasileiro que veio visitar-me, o Davi, e deparei-me com uma das cenas mais interessantes sobre a apropriação informal dos espaços

---

<sup>3</sup> Vulgarmente conhecida como lentes, as objetivas *zoom*, como são conhecidas, são um conjunto de lentes que possibilitam o emprego de diferentes distâncias focais. Ela possibilita maior versatilidade na realização de diferentes fotografias, permitindo captar objetos tanto próximos quanto afastados.

públicos na Graça. Lembro-me de sentir um pesar por não estar com a minha câmara profissional, mas, mesmo assim, decidi fazer a foto. Sabia que a qualidade era incomparável, porém imaginei que para o tamanho das ampliações necessárias a qualidade do arquivo “daria conta do recado”.

Foi após ver esse resultado que iniciei uma série de articulações procurando perceber quais eram as vantagens de fotografar com o telemóvel. Como mantive a distância que julgava ideal para não fazer-me notar, no momento de analisar a imagem no computador, quando da ampliação a 100% ou 200% os detalhes não eram tão nítidos, entretanto julguei que as características técnicas eram suficientes para manter a qualidade de imagem e informação visual necessária.

Outro benefício da fotografia com o telemóvel era a facilidade no transporte e possibilidade de conseguir imagens significativas em momentos inesperados, já que tanto a Graça como a zona Ribeirinha eram meus locais habituais de passagem. Nesse sentido a fotógrafa brasileira Luisa Dorr, contratada para fotografar 46 personalidades femininas para a revista Time entre elas, Ellen Degeneres, Hillary Clinton e Oprah Winfrey afirma: ‘De repente, eu era capaz de fazer grandes fotos a qualquer hora, em qualquer lugar, sem o estresse de carregar uma bolsa cheia de lentes, cartões e baterias’ (“IPhotoChannel” 2017).

O telemóvel também trouxe outra importante vantagem. Ele passava despercebido aos olhos das pessoas que pareciam não se importar com minha presença ou com o fato de estar apontando a câmara em direção a eles. Isso facilitou meu trabalho e evitou que houvesse alguma possível inibição ou atitudes artificiais na ação durante o ato de se alimentar. De certa maneira minha atitude foi quase como a de um *paparazzi*<sup>4</sup> em busca da melhor foto com a diferença de que meu foco não eram celebridades.

Salvo as diferenças conceituais e estéticas, de certa maneira meu trabalho pode ser relacionado com o do fotógrafo Martin Parr, da agência Magnum Photos. Ele explora em suas imagens o ser humano de forma crua, sem produções. Suas imagens, muitas

---

<sup>4</sup> Paparazzi é um termo que identifica fotógrafos especializados em registrar a vida pessoal de celebridades. É derivado de Paparazzo, personagem criado pelo cineasta Federico Fellini para o filme La Dolce Vita da década de 1960. A personagem foi inspirada no fotógrafo Tazio Secchiaroli, importante fotógrafo italiano do século XX que fotografava celebridades (“Tazio Secchiaroli” 2018).

evolvendo alimentos e alimentação causam de certa forma desconforto para quem observa, mas, ao mesmo tempo atiçam a curiosidade e prendem o olhar pelas fortes cores e composições não convencionais.

“Lazer, consumo e comunicação são os conceitos que este fotógrafo britânico vem pesquisando há várias décadas em suas viagens ao redor do mundo. No processo, ele examina características nacionais e fenômenos internacionais para descobrir como eles são válidos como símbolos que ajudarão as futuras gerações a entender nossas peculiaridades culturais. Parr nos permite ver coisas que pareciam familiares para nós de uma maneira completamente nova. Desta forma ele cria sua própria imagem de sociedade, o que nos permite combinar uma análise dos sinais visíveis da globalização com experiências visuais incomuns. Em suas fotos, Parr justapõe imagens específicas com as universais sem resolver as contradições. Características individuais são aceitas e excentricidades são estimadas” (Weski 2018).

No que diz respeito às entrevistas com os profissionais responsáveis pela criação e administração dos espaços públicos estudados é importante referir que elas surgiram a partir de uma evolução no delineamento da investigação e deram-se no formato “bola de neve”. A amostragem nomeada como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística que utiliza cadeias de referência<sup>5</sup> (Vinuto 2014: 203).

Inicialmente, na concepção deste estudo, não havia prospectado a possibilidade de investigar as relações existentes entre os projetos arquitetônicos e sua influência nos comportamentos dos utilizadores dos espaços públicos no momento de alimentar-se. Havia partido do pressuposto que o espaço era constantemente reconstruído em seus significados, mas que, talvez, isso não fosse premeditado por seus idealizadores. Esse redirecionamento deu-se no seguimento das entrevistas onde pude perceber que as áreas pesquisadas haviam sido pensadas para promover uma ampla gama de apropriações, com o objetivo principal de ser um espaço de liberdade criativa, inclusive quando da apropriação para alimentar-se.

Fizeram parte do corpo entrevistado os arquitetos João Gomes responsável pelo projeto da Ribeira das Naus, Pedro Trindade (associado com o arquiteto Bruno Soares),

---

<sup>5</sup> Segundo a autora a execução da amostragem em bola de neve é construída com a seleção de um documento/informantes-chaves, nomeados como sementes. Neste caso a primeira pessoa a ser entrevistada foi a Arquiteta Célia Milreu que deu os indicativos das entrevistas que fariam parte do estudo.

responsáveis pelo projeto da Praça do Comércio e do Cais do Sodré, Célia Milreu, arquiteta da Câmara Municipal de Lisboa, Paula Rebelo, coordenadora da equipa de Estudos Urbanos e Espaço Público da Câmara Municipal de Lisboa, Fernanda Maria, do Núcleo de Produção da EGEAC e Vitor Agostinho, representante da Voz do Operário.

As entrevistas foram semidiretivas contendo um “roteiro” que direcionava ao tema principal do estudo, porém sem perguntas pré-estabelecidas. Foi dada total liberdade para os entrevistados falarem sobre seus projetos, como foram pensados, o que levaram em consideração para cada espaço, etc.

Meu intuito era entender se no programa de necessidades de cada zona o tema “comer” tinha sido elencado. Em arquitetura, um programa de necessidades é o conjunto sistematizado de necessidades para um determinado uso de uma construção. Ele cumpre um importante papel no projeto de arquitetura e contribui para que o projetista considere a complexidade envolvida na concepção de espaços urbanos e de edifícios (Moreira 2009: 31).

Durante as entrevistas pude perceber que, de forma geral, a alimentação foi debatida, mas mais especificamente no que se referia ao suprimento de alimentos, como onde seriam colocados os quiosques, ou mesmo onde possivelmente poderiam ser colocados os quiosques, mas nada que fizesse referência direta à apropriação informal dos espaços para alimentar-se.

Nesses encontros apresentei aos arquitetos algumas imagens de meu diário de campo procurando estimulá-los a refletir sobre a questão. Achei muito curioso que, apesar de acharem as imagens interessantes do ponto criativo sobre como as pessoas usavam o espaço informalmente nas diferentes épocas do ano, os mesmos não se mostraram surpresos quanto a esses usos.

Foi a partir dessas reações, sem surpresa, e das questões sobre como os espaços foram concebidos, principalmente para serem espaços multifuncionais, de apropriações diversas, com possibilidade de liberdade e criatividade na construção do bem estar individual que percebi que deveria fazer certa inversão no meu argumento inicial. Minha pesquisa não seria somente sobre a apropriação informal dos espaços públicos pelas pessoas, mas também sobre a importância de projetos urbanísticos que

favorecessem e estimulassem esses momentos de criação e liberdade no ato de apropriação informal desses espaços.

### 3. Construindo a Pesquisa – Onde? Quando? Como?

#### 3.1. Delimitação temporal e Geográfica da pesquisa

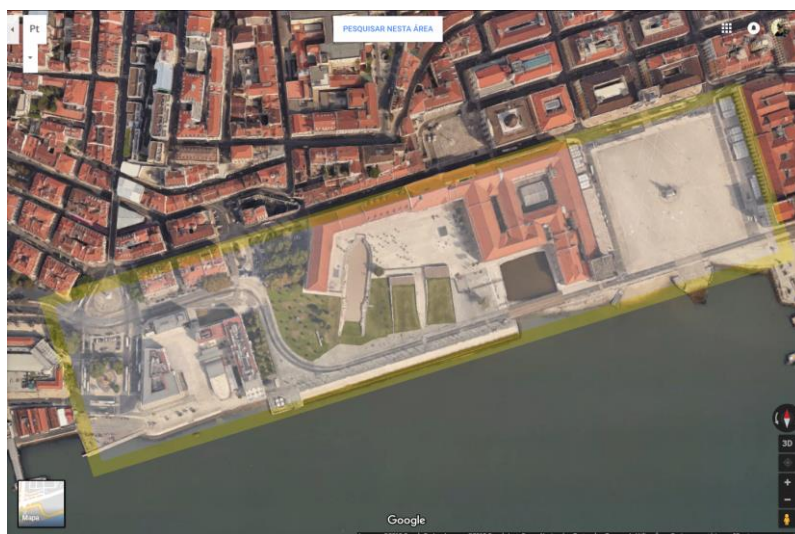
A pesquisa teve duas áreas de abrangência. A área que compreende a zona da Graça, representada na figura como área 1 e a área correspondente à zona ribeirinha compreendida do Cais do Sodré até a Praça do Comércio, representada na figura como área 2.



Mapa 1: Área 1 (Zona da Graça). Área 2 (Área Ribeirinha – Cais do Sodré até Praça do Comércio). (Google Maps, 2018).



Mapa 2: Área 1 – Zona da Graça. (Google Maps, 2018)



Mapa 3: Área 2 – Zona ribeirinha (Cais do Sodré até Praça do Comércio). (Google Maps, 2018).

As saídas fotográficas se deram entre os meses de dezembro de 2016 a junho de 2018 totalizando 15 saídas de campo. A Tabela 1 apresenta os dados referentes a cada saída de campo incluindo data, áreas fotografadas, temperatura, condições climáticas (presença ou ausência de sol, chuva, vento, etc.).

Tabela 1

Saída	Data	Área Fotografada	Temperatura	Condições Climáticas
1	06/06/2016	1	Não mensurado	Sem vento, clima agradável, sol
2	11/12/2016	1 e 2	Não mensurado	Sem vento, sol, frio
3	10/03/2017	2	22°	Nublado, vento fraco
4	01/04/2017	2	17°	Sol, sem vento
5	20/05/2017	1	31°	Sol, sem vento
6	10/06/2017	1	30°	Sol, sem vento
7	05/10/2017	1 e 2	20°	Sol, sem vento
8	29/11/2017	2	11°	Sol, vento forte
9	10/12/2017	2	17°	Nublado, vento forte

10	20/12/2017	1	10°	Sol, sem vento
11	14/01/2018	2	11°	Sol, vento fraco
12	18/04/2018	2	18°	Sol, vento fraco
13	19/04/2018	1	20°	Sol, sem vento
14	02/06/2018	2	17°	Sol, vento fraco
15	16/06/2018	1 e 2	29°	Sol, sem vento

### ***3.2. A Análise das Imagens***

A análise das imagens foi feita em quatro momentos: 1) Logo após cada saída de campo quando do descarregamento e edição inicial das imagens no computador; 2) No momento da escrita do diário de campo; 3) No momento da escrita da tese, quando da organização do Livro Fotográfico contendo as 154 imagens finais e; 4) Quando da seleção e inclusão daquelas que estariam presentes no corpo da tese e seriam passíveis de maiores explicações.

A articulação entre as diferentes fotografias não seguiu um padrão específico e/ou ordem cronológica. Procurámos contextualizar cada temática (apropriação formal versus apropriação informal, proxémia, alimentos consumidos nas diferentes épocas do ano, roulotes, mercados e supermercados, presença da mulher no espaço público, consumo de bebidas alcólicas, partilha do alimento, sazonalidade, etc.) selecionando fotografias de diferentes períodos ou do mesmo período tomando o cuidado de estabelecer comparações somente entre imagens da mesma área geográfica.

As comparações encontrando similaridades ou discrepâncias entre as diferentes zonas estudadas foram discutidas nas considerações finais e conclusão de forma a perceber quais eram os pontos convergentes e divergentes entre a zona da Graça e zona Ribeirinha.

### 3.2.1. A Proxémia

No livro 'A Dimensão Oculta' do antropólogo Edward T. Hall questões sobre a criação e manutenção dos espaços individuais em relação ao espaço público e a outros indivíduos são colocadas como fundamentais para o equilíbrio e sobrevivência de qualquer ser vivo. O termo criado por Hall para estudar as 'teorias referentes ao uso que o homem faz do espaço enquanto produto cultural específico' foi chamado pelo autor de 'proxémia' (Hall 1986: 11).

De entre os inúmeros pontos e citações de grande valor contido nesta obra consagrada destaco a frase contida na página 179: 'Não é fácil compreender que existem concepções diferentes acerca da localização do Eu em relação ao corpo'. Hall (1986: 135) afirma que 'o ser humano não está contido nos limites de pele'.

Por que isso se mostra relevante em um estudo sobre apropriação informal dos espaços públicos para a alimentação?

Como a pesquisa é fundamentalmente acerca da apropriação informal dos espaços públicos, achamos que abordar relações um pouco mais profundas sobre as formas como as pessoas se relacionam entre si, com o alimento e com o próprio espaço seriam pertinentes na medida em que, como afirma Hall (1986: 213) 'O homem e suas extensões não constituem senão um único sistema'.

Isso se mostra importante na medida em que o alimento tem uma função social e cultural crucial nas relações humanas, sejam elas individuais ou coletivas. A maneira como nos posicionamos diante dos alimentos, como compartilhamos ou escondemos o alimento, aquilo que exibimos e aquilo que omitimos mostram muito sobre cada cultura. As investigações dos fenômenos visuais que descrevem as práticas utilizadas pelos participantes para construir ações ou eventos objetivam apresentar o seu modo de viver e 'são um rico repositório de ações sociais'. (Goodwin 2001: 162 apud Lynch e Woolgar 1990: 5).

Apesar de sabermos que as diferentes culturas modulam os comportamentos em relação ao espaço e que as diferentes concepções de partilha do espaço não podem ser universalizadas (Hall 1986: 154) não incluímos em nossa análise questões étnicas, inclusive por não ter feito parte da pesquisa entrevistas exploratórias com os

utilizadores do espaço, mas procuramos entender como diferentes pessoas se comportam no espaço peculiar abrangido pela pesquisa.

Para Goodwin (2001: 160) traduzir as práticas corporais e a interação dos diferentes corpos não é uma tarefa simples ou neutra. Procuramos descrever as posições corporais assumidas pelos diferentes grupos e indivíduos identificando a posição e o tipo de alimento (*in natura*, industrializado, etc.) e como eles eram consumidos e compartilhados. A análise imagética foi feita dentro do corpo das 91 imagens (de um total de 154 fotografias<sup>6</sup>) desta dissertação.

---

<sup>6</sup> As 154 imagens finais deram origem ao livro de fotografia “Outside”. O projeto Outside, quando ainda em construção, dentro do contexto desta pesquisa foi selecionado e apresentado pela pesquisadora em forma de exposição fotográfica e pôster no “1st International Food Design and Food Studies Conference, Experiencing Food, Designing Dialogues” em Lisboa no mês outubro de 2017.

## **4.A fotografia como princípio para um estudo antropológico**

A escrita, meio tradicional e mais aceito de produzir e divulgar o conhecimento vem recebendo crescentes incursões dos recursos imagéticos (Soilo 2012: 73) que tem buscado firmar-se como fontes fidedignas do saber científico. Na fotografia a construção de realidades é a soma das realidades criadas pelos diversos autores envolvidos na fotografia (fotógrafo, retratado e leitor da imagem) (Martins, 2008) e sempre possibilitou que interpretássemos e construíssemos nossas próprias verdades, ou a ‘dimensão invisível da realidade’ (Fatorelli 2017: 54). ‘A visualidade remete não apenas para as questões da percepção, mas também para a interpretação e significação’(Marques e Campos 2017: 5).

Essa complexidade que envolve a fotografia é a mesma que a coloca numa situação delicada no que diz respeito à sua utilização na antropologia. A questão que incita discussões sobre os usos da fotografia na atualidade é: Como a confusão da experiência humana pode ser traduzida fotograficamente de maneira que possa produzir conhecimento antropológico? (Edwards, 2015: 239).

A fotografia foi provavelmente uma das primeiras tecnologias a interessar antropólogos ‘que a percebem como um valioso instrumento em suas pesquisas e a incorporam logo após sua invenção’ (Novaes 2012: 11). Inspirada pela zoologia, botânica e geologia para descrever o mundo visualmente a fotografia antropológica, em seus primórdios, era também utilizada para caracterizar a aparência visual dos povos exóticos (Macdougall 1997: 279) organizando a sociedade por tipos que poderiam ser comparados e classificados (Macdougall 1997: 280 apud Edwards 1992: 7).

Já no início no século XX Malinowski empregou amplamente a fotografia na sua pesquisa etnográfica com os nativos da Melanésia. Segundo Samain (1995: 32) somando as fotografias dos textos “Argonautas do Pacífico Ocidental”, “A Vida Sexual

dos Selvagens” e “Jardins de Coral”, são 283 fotografias espalhadas ao longo das 1883 páginas das três obras.

“(…) existe, na utilização que Malinowski faz de suas fotografias, algo que ultrapassa – e de longe – a simples ilustração. Nesse vaivém entre as fotografias e as legendas remissivas ao seu próprio texto, o qual, por sua vez, reintroduz e reconduz o leitor na própria prancha visual que lhe corresponde, fica patente que, para Malinowski, o verbal e o pictórico (desenhos, esquemas e fotografias) são cúmplices necessários para a elaboração de uma antropologia descritiva aprofundada. Tal osmose é capital para ele. O texto não basta por si só. A fotografia, também não. Acoplados, inter-relacionados constantemente, então sim, ambos proporcionarão o sentido e a significação (Samain, 1995:34).

Sontag (2004: 33) também afirma que ‘estritamente falando, nunca se compreende nada a partir de uma foto’ e que não é porque vemos que somos capazes de compreender. A autora afirma também que não só a imagem é interpretada, mas também a aquilo que é escrito sobre uma pessoa ou fato também é ‘declaradamente, uma interpretação, do mesmo modo que as manifestações visuais’. Desta forma, como afirma Samain o texto e a imagem são interdependentes e, relacionados, dão sentido à imagem.

Mesmo com perspectivas promissoras a imagem, a partir da segunda década do século XX sofre crescente descrédito, somado também às dificuldades práticas e custos vinculados ao dispositivo visual, principalmente o filme etnográfico (Campos, 2011: 242). Amplamente utilizadas até a década de 1930, as imagens tornam-se progressivamente mais escassas em obras posteriores (Macdougall 1997: 281).

“Ela permanecerá durante mais de cinquenta anos subutilizada, atrelada que está a um horizonte de investigações das "superfícies" da espécie humana. Essa primeira antropologia visual não passará de uma tentativa, mais ou menos bem-sucedida, de uma aproximação do corpo visível e da exterioridade do ser humano” (Samain 2001: 117).

A partir da década de 1970 o regime da visualidade ganha crescente destaque em relação ao regime da textualidade (que havia reinado nos anos de 1960 e 1970) (Dubois, 2017: 34; Campos, 2011: 242) e a fotografia recomeça a ocupar um lugar de destaque nas pesquisas científicas.

“(...) essa conquista de uma terra virgem se faz também em um momento de transição (o pós- estruturalismo) em que a primazia do texto (e da língua) é contestada pelos estudiosos da estética e trabalhada pela afirmação progressiva dos valores da imagem, finalmente tomada em consideração por ela mesma. A imagem (a pintura, o cinema) não é mais lida (como um texto), mas vista (em sua dimensão propriamente visual). Tende-se a reconhecer o princípio de um “pensar próprio às imagens”, o “pensar visual”, que não passa pela língua (e sua racionalidade), que não pressupõe que o sentido do visual depende unicamente de sua tradução, mas que reflete sobre a valorização cognitiva da sensação (plástica), da percepção (fenomenológica) e da contemplação (estética)” (Dubois, 2017: 37).

Barbosa (2014: 3) afirma que a utilização de imagens nas pesquisas antropológicas sempre causou um ‘estranhamento’. A autora cita Sylvia Caiuby Novaes (2009) e sua perspectiva de que este obstáculo está assentado ‘na dicotomia entre objetividade e subjetividade’. Com o aprofundamento das discussões sobre a fotografia e sua gradual mudança de status de comprovação do real, a polissemia da fotografia abre caminhos pouco seguros e muitas vezes de difícil compreensão, pois fogem dos padrões precisos da informação (Barbosa 2014: 3).

O emprego da fotografia na antropologia tem esbarrado como afirma (Campos 2011: 243-244) na carência de credibilidade teórica e metodológica dos processos’ atribuídas, segundo o autor a

“(...) preconceitos e inércias típicas das instituições sociais cristalizadas em torno de verdades e cânones sacralizados. O grande pecado da imagem parece ter sido a sua índole subjectiva e polissêmica, características suficientes para ser renegada pelo aparelho científico” (Campos, 2011: 243-244).

Para Campos (2011: 238) as imagens são ricas fontes de pesquisa e, devido à facilidade de acesso, uso e aplicação que têm na atualidade, adquirem crescente utilização nas pesquisas sociais. Essas mudanças tem impulsionado a inovação dos procedimentos do fazer as práticas científicas e, segundo o autor, a tendência é haver uma ‘vulgarização’ do uso de dispositivos imagéticos transformando-os ‘em aparatos tão vulgares como um gravador de voz, um bloco de notas, um lápis ou uma caneta’.

Para Samain (2012: 155) o repensar da importância das imagens que estamos presenciando nos últimos trinta anos precisava estar inserido em um novo contexto, o da ‘civilização das imagens’. Aquele que ‘nos provoca, nos ensina, nos inunda e nos satura’.

As questões levantadas por Dubois (2017: 39) como “o que é a fotografia?”, “o que pode a fotografia?” (para que serve? quais são os valores que ela veicula e que lhe atribuímos?)’ são palco para uma ampla discussão que está longe de estar finalizada. No que diz respeito a esta pesquisa, que parte da imagem, cremos ser fundamental discutir um ponto fundamental: o Inconsciente Ótico.

#### ***4.1. Reconstruindo significados: O Inconsciente Ótico***

Uma característica deste estudo é que, sendo construído a partir da imagem é analisado não somente no momento da captação da fotografia, quando das saídas de campo, mas também após, quando visto no monitor do computador, em seus pormenores, com ampliação a 100%, 200%, 300%. A possibilidade de revisitar uma imagem é também a possibilidade de reconstruí-la e criar novos significados podendo alterar em grande parte o conceito primário atribuído a uma situação.

Walter Benjamin em seu ensaio “Pequena História da Fotografia” fala-nos do inconsciente ótico afirmando que ‘a natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar’ e que são através dos recursos que a fotografia oferece, como a ampliação, por exemplo, que se torna possível ver aquilo que nem a câmera nem o fotógrafo viu no instante da fotografia.

“Percebemos, em geral, o movimento de um homem que caminha, ainda que em grandes traços, mas nada percebemos da sua atitude na exata fração de segundo em que ele dá um passo. A fotografia nos mostra essa atitude, através dos seus instrumentos auxiliares: câmera lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, assim como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional” (Benjamin 1987: 94).

Ao olharmos e observarmos uma fotografia, vamos, paulatinamente, percebendo novos contextos, situações e visualizando ‘o universo imagético originalmente indisponível para a visão em seu estado natural’ (Neto and Cantinho 2016: 137). A natureza peculiar da fotografia nos impele a observá-la de forma distinta que a do filme. ‘(...) “mergulha-se” numa fotografia. (...) Diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos’ (Samain, 2012: 159).

O inconsciente ótico, muito antes de existir como conceito propriamente dito, aparece nas escritas de Malinowski em “Jardins de Coral e suas Mágicas”, num capítulo intitulado “Confissões de Ignorância e de Fracasso”. No relato Malinowski apresenta suas frustrações:

“Uma deficiência essencial do meu trabalho de terreno deve ser mencionada: trata-se das fotografias. Se vocês, eventualmente, compararem meus livros com outros relatos de pesquisas de campo, provavelmente, não se darão conta do quanto os meus permanecem mal documentados em termos pictóricos. Eis a razão principal para insistir sobre este fato. Tratei a fotografia como se fosse uma atividade secundária, uma maneira – de certo modo menor – de agrupar “testemunhos”, “provas”, “evidências”. Foi um sério erro da minha parte. Redigindo meus dados materiais sobre os jardins [se refere ao Coral Gardens], constato que a verificação (o controle) de meus apontamentos de campo me conduziu, graças às fotografias, a reformular minhas declarações sobre inúmeros pontos...” (Samain 1995: 43 apud Malinowski, 1966: 461-462).

A reformulação de pontos em relação aos quais se referiu Malinowski é exatamente o inconsciente ótico. São os momentos que mergulhamos na imagem e fazemos um contraponto entre aquilo que vimos, aquilo que aconteceu e o que foi registrado pela câmera fotográfica.

“(...) basta prolongar o tempo de um olhar posto sobre ela, sobre sua face visível para, logo, descobrir que a imagem nos leva em direção a outras profundidades, outras estratificações, ao encontro de outras imagens. É necessário, pois, abrir a imagem, desdobrar a imagem, “inquietar-se diante de cada imagem” (Samain 2012: 159 apud Didi-Huberman, 2006b).

Para Benjamin, assim como para Malinowski que deixou claro em seus escritos sobre a importância da fotografia em seu trabalho de campo, cada fotografia traz uma

informação pulsante, que espera por ser descoberta. ‘Em qualquer esforço de reconstrução do passado, são necessários artifícios que tragam à vista aquilo que não está evidente’ (Neto and Cantinho 2016: 140).

Um conceito interessante a ser destacado quando falamos em inconsciente ótico é o de *Studium* e *Punctum* discutido por Roland Barthes em “A Câmara Clara”. Analisando uma série de imagens o autor procura caracterizar estes dois elementos afirmando que o *Studium* da fotografia é perceber de certa forma o que a imagem diz, o que o fotógrafo quis dizer; nas palavras de Barthes (1980: 49) é dotar a fotografia de funções: ‘Essas funções são: informar, representar, surpreender, dar significação, provocar desejo’.

Barthes afirma que as fotografias unárias<sup>7</sup>, como muitas fotografias de reportagens, por exemplo, apresentam somente o *Studium* estando desprovidas do *Punctum*. “A foto pode gritar, ferir não” (Barthes 1980: 65). O que seria para o autor o *Punctum*? O *Punctum* é ‘uma espécie de fora-de-campo-subtil, como se a imagem lançasse o desejo para além daquilo que dá a ver’(Barthes 1980, 85).

Barthes afirma que ‘neste espaço habitualmente unário’ somos tocados por um detalhe que chama nossa atenção. Esse simples, mas decisivo detalhe transforma a leitura da fotografia que até então tínhamos feito e surge, a partir daí, uma nova foto com um valor superior. ‘Esse pormenor é o *Punctum* (“aquilo que me fere”’) (Barthes 1980: 66).

O inconsciente ótico é o *Punctum*? Talvez sim, talvez não. De acordo com Barthes vai depender da força da informação a ponto de transformar completamente nossa leitura da fotografia. E todo o *Punctum* é uma espécie de inconsciente ótico? Certamente sim, pois a descoberta do *Punctum* depende exclusivamente da existência real – física (no suporte em papel) ou virtual – (em um ecrã) para ser descoberto. O *Punctum* demanda que nos detenhamos por mais tempo em uma imagem e que

---

<sup>7</sup> “A fotografia unária é aquela que tem tudo para ser banal, sendo a unidade da composição a primeira regra da retórica vulgar (e nomeadamente escolar): O assunto (...) deve ser simples, desembaraçado de acessórios inúteis; isto tem um nome: a procura da unidade” (Barthes 1980: 65).

procuremos perceber os detalhes significativos que ela pode conter agregando valor e transformando uma fotografia.

Nesse sentido meu trabalho busca, nesse “mergulhar” imagético, informações e conceitos sobre o comportamento humano ao se apropriar dos espaços públicos informalmente para alimentar-se. Pretendo contextualizar a pesquisa ampliando os usos da fotografia não como meros registros e evidências dos acontecimentos, mas, principalmente, como fonte para a construção de conceitos que estavam ocultos e que podem revelar-se através do inconsciente ótico.

## 5.Comer e Conviver ... Consumir e Partilhar

O alimento é ponto central da vida social (Low and Lynn-Ee Ho 2018: 2) e as práticas alimentares são meios de distinção e pertença (Ehlert 2016: 83) moldando a forma como as cidades se desenvolvem e se interconectam entre rituais culinários e urbanização (Low and Lynn-Ee Ho 2018: 3 apud Steel 2013).

Em 1922, Sir James G. Fraser no prefácio do livro *Argonautas do Pacífico Ocidental* de Bronislaw Malinowski apontava para a importância do alimento e das práticas alimentares para o ser humano afirmando que a “fundamentação material, que consiste na necessidade de alimento e em certo grau de calor e proteção contra os elementos, forma a base econômica ou industrial e constitui condição necessária à vida humana”(Fraser 1978: 5 apud Malinowski, 1978:5 ).

“A comensalidade é uma das características mais significantes no que se refere à sociabilidade humana, relacionando-se não apenas à ingestão de alimentos, mas também aos modos do comer, envolvendo hábitos culturais, atos simbólicos, organização social, além do compartilhamento de experiências e valores” (Lima 2015: 514 apud Fischler 2011).

Os hábitos alimentares evoluem com o tempo e são influenciados por diversos fatores como aspectos socioeconômicos, estilo de vida, normas sociais e culturais e também por pressão comercial de mercados cada vez mais globais (Estefanía 2017: 84 e Ehlert 2016). O desenvolvimento de tecnologias de produção, conservação e transporte de alimentos é responsável e favorece a mudança de hábitos alimentares (Feniman 2015: 78).

O hábito de comer na rua vem crescendo e está ligado, além de outros fatores, a uma mudança socioeconômica e de inserção da mulher no mercado de trabalho (Estefanía 2017: 84 e Yasmeen 2000: 341). Esse fenômeno que tem acontecido a nível global, e, segundo Yasmeen (2000: 346 apud Suntaree 1989: 86) de forma inevitável, foram motivados pela rápida urbanização (Ehlert 2016: 72), industrialização e mudança na estrutura familiar. As lojas que vendem alimentos tornam-se um verdadeiro suporte à

vida para os contextos urbanos. Esse suporte vai além das funções de alimentar e nutrir e passam pelo suporte da convivência (Yasmeen 2000: 347) entre pessoas exercendo funções importantes na teia social urbana.

Além da possibilidade de comprar comida fora para comer em casa, as redes de alimentação também possibilitam que o consumo do alimento seja feito no próprio restaurante, externamente, no espaço público, mas utilizando-se mesas e cadeiras e em espaços públicos não definidos exclusivamente para esta função, como praças, largos, calçadas, esplanadas, monumentos, barreiras de contenção e outras estruturas que podem ser apropriadas para o ato de alimentar-se.

Nesse sentido os espaços públicos assumem grande importância como sítios de socialização, convívio e consumo. Na contemporaneidade os arquitetos e urbanistas tem voltado seus esforços para que esses espaços assumam uma escala humana, mantendo seu potencial econômico e tornando a cidade um ‘sítio agradável para se viver’ (Carvalho 2011: 8).

Na capital portuguesa podemos perceber que a ocupação informal dos espaços para a comensalidade se dá de forma diferenciada quando analisamos as características de cada zona da cidade. Para além das questões geográficas (sendo a Graça uma zona de relevo acentuado e o Cais do Sodré uma zona plana, ao nível do mar) e de ocupação urbana (com predominância comercial ou residencial) o comportamento das pessoas que frequentam os locais bem como as escolhas alimentares desse ritual de apropriação dos espaços públicos de maneira informal sofre diversas modificações ao longo do ano.

A sazonalidade traz diversas implicações meteorológicas que influenciam na temperatura, ventos e luz solar e estas, por sua vez, têm ligação direta com o ciclo de vida de diversos alimentos e com a forma como nos relacionamos com os espaços e com a seleção daquilo que iremos comer.

Gehl (2013: 170) afirma que a sazonalidade é determinante na sensação de conforto que experimentamos e que direciona nossas ações e usos que fazemos do espaço ao longo do ano. É importante salientar que estas implicações são dependentes também de outros fatores como vestimenta e fisiologia básica influenciando nesse aspecto

inclusive questões de composição corporal e adaptações orgânicas às distintas situações extremas. No entanto essas análises não fizeram parte do corpo do estudo.

## 6. Lisboa para as pessoas

*Quando se faz um espaço público, nós não determinamos exatamente a vida que acontece lá (João Gomes<sup>8</sup>, 14/12/2017).*

A evolução da civilização e o conseqüente surgimento e transformação das cidades ao longo da história influenciou fortemente a maneira como as pessoas se conectaram e usufruíram do espaço público (Carvalho 2011). Desde o período Neolítico, quando se deu a transição do homem de uma vida nómada para uma vida sedentária a evolução dos espaços públicos sofreu transformações acentuadas. As primeiras formas urbanas ligadas à vida pública nasceram na antiguidade grega, mas foi na ‘civilização romana que as ruas e espaços públicos da cidade passaram de uma natureza “espontânea” a uma natureza “projetada” ou sistematizada’ (Carvalho 2011: 8).

Sendo um dos pilares desta pesquisa, o tema será abordado com o objetivo de contextualizar brevemente sua história, usos e funções e, mais especificamente, abordar como se deu o planeamento das zonas da Graça, Praça do Comércio, Ribeira da Naus e Cais do Sodré.

Um ponto importante a ser evidenciado é que ambas as zonas estudadas sofreram remodelações arquitetônicas e urbanísticas recentes que transformaram radicalmente sua estética e formas de apropriação do espaço. Através de entrevistas realizadas com os responsáveis por cada projeto de reabilitação, procurarei apresentar como os arquitetos e urbanistas construíram seus conceitos sobre o espaço público e como a administração pública municipal, representada pela Câmara Municipal de Lisboa exerceu um papel primordial no delineamento de um “macro conceito” de valorização das pessoas nesse espaço.

---

<sup>8</sup> Arquiteto da Global, Arquitetura Paisagista (Gap) situada em Lisboa, Portugal.

Ao contrário do que julgara inicialmente, após as entrevistas, percebi que a apropriação dos espaços públicos para se alimentar, muito mais do que ser simplesmente inesperada, era prevista na própria elaboração dos projetos. Pude perceber que existia uma nova forma de pensar a cidade e o espaço público com o conceito onde a cidade é planeada “para as pessoas”. Essa conjectura ampliou minha visão sobre a pesquisa e fez-me perceber, e levar em consideração, a importância da gestão pública e de bons projetos de arquitetura e urbanismo como moduladores do convívio nas cidades.

Hall (1986: 213) em seus estudos sobre a proxémia afirma que ‘O homem e suas extensões não constituem senão um único sistema’. As extensões a que o autor se refere são o entorno que forma a teia da vida em sociedade, incluindo também os espaços públicos.

“É um erro monumental tratar o homem à parte, como se ele construísse uma realidade distinta de sua habitação, das suas cidades, da sua tecnologia ou da sua linguagem. Essa interdependência do homem com suas extensões deveria fazer-nos conceder mais atenção às extensões que criamos não só no nosso próprio interesse, mas também no interesse daqueles a quem tais extensões se arriscam a ser pouco adaptadas” (Hall 1986: 213).

Célia Milreu arquiteta da Câmara Municipal de Lisboa (CML) e responsável pelos assuntos relacionados ao espaço público (especificamente com funções de coordenação da equipe Divisão do Plano Diretor Municipal (PDM)), afirmou que a CML tem muitos programas que estão a contribuir para renovar toda a cidade de Lisboa e que um dos objetivos do PDM é a requalificação do espaço público na perspectiva de uma cidade para as pessoas.

Dentro do objetivo de requalificar os espaços públicos foi lançado pela CML um programa para criação e remodelação de praças chamado “Uma Praça em cada Bairro” além de concursos que objetivavam a melhoria de espaços públicos já existentes como o projeto da Praça do Comércio, Ribeira das Naus e Cais do Sodré.

*“Ao nível do PDM ficou muito bem claro que a responsabilidade pelo espaço público é da CML e a câmara tem dado provas disso... que desde 2012 está alinhada com esse objetivo. A responsabilidade vai desde o espaço público para*

*encontro dos cidadãos até a circulação rodoviária. Um espaço público qualificado motiva as pessoas, incentiva... torna apetecível requalificar o seu patrimônio.* (Célia Milreu, 21/11/2017).

Entrevistei os responsáveis por cada projeto que tinham cada qual sua particularidade relacionada a diferenças geográficas e de ocupação, mas pude perceber que todas as entidades alinhavam com o mesmo objetivo que era a criação de um espaço na escala e perspectiva humana além de ser multifuncional. Para (Gehl 2013: 7):

“Uma preocupação crescente com a dimensão humana no planejamento urbano reflete uma exigência distinta e forte por melhor qualidade de vida urbana. Existem conexões diretas entre a melhoria para as pessoas no espaço da cidade e as visões para obter cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis”.

Em sua tese de mestrado “Lugar de Rua” a pesquisadora Rita Valbordo Carvalho aborda a temática da ‘criação de espaços urbanos onde o homem seja a unidade de referência’ e fala acerca da importância da multifuncionalidade nas ruas. Carvalho (2011: 49) afirma que

“(...) a perda da diversidade funcional, essencial para o equilíbrio e monitorização dos espaços públicos, originou a desertificação a certas horas do dia e conduziu a um grave aumento da insegurança. Hoje se procura de novo a riqueza da multifuncionalidade dos espaços urbanos”.

Essa multifuncionalidade pode ser entendida como intrínseca conexão entre as pessoas e o espaço construído. Carvalho (2011: 2 apud Portas, 1968: 122) afirma que a cidade social e arquitetura estão conectadas ‘por isso a cidade não pode ser traduzida por um “conjunto de partes”, mas sim por um “conjunto de relações entre as partes”’.

Essas relações podem ser baseadas em uma determinada fluência de convívio onde existe um fluxo suave entre o humano, o natural e construído. Nesse sentido, todos os arquitetos entrevistados salientaram a importância da diminuição das barreiras existentes nos espaços públicos, fossem elas devido a impedimentos de propriedade legal de terrenos, de malha viária ou ferroviária.

Célia Milreu afirma que a retirada das “barreiras” é um dos objetivos do PDM. No que tange à frente ribeirinha afirma que “As barreiras rodoviárias e ferroviárias não fizeram grande diferença enquanto a frente ribeirinha estava ocupada com as atividades portuárias”, no entanto a partir do momento que se deu a transferência pela Autoridade do Porto de Lisboa (APL), que assinou um protocolo com a CML e libertou todas essas áreas, tornou-se imprescindível repensar essa questão.

João Gomes, um dos arquitetos responsáveis<sup>9</sup> pelo projeto da Ribeira das Naus, e Paula Rebelo, coordenadora de equipa de Estudos Urbanos e Espaço Público da CML, afirmam que durante séculos a estrutura portuária foi bloqueando o acesso das pessoas ao rio sendo a Praça do Comércio um dos únicos pontos de contato com o Tejo.

*“É quase inacreditável, mas há 15 anos nós não tínhamos quase acesso ao rio porque toda a frente ribeirinha era da propriedade do porto de Lisboa e não do município e estava a vedar e, portanto, havia uma frustração enorme em ter o rio tão perto e não se conseguir lá chegar. Esse protocolo que foi feito com a APL, que foi no início deste executivo e foi a primeira grande batalha desse executivo que foi ganhar o rio para a cidade... Esse acordo permitiu que a APL identificasse as zonas que ainda tinham uma utilização portuária e as que já não tinham e não faziam sentido pertencer a APL... foram divididas em zonas e foram revertidas para a CML. Assim, a CML pode finalmente intervir e essas intervenções mostram mesmo isso... porque havia tanta sede de chegar ao rio que o objetivo foi não cair no erro de fechar novamente, mas poder ser uma coisa muito acessível e uma relação muito próxima com o rio (Paula Rebelo, 21/11/2017).*

Para entender como se deu esse processo de retirada das barreiras, mais especificamente das que separavam as pessoas do rio Tejo, questionei se foi uma necessidade da população que se reverteu numa atitude da CML ou foi um processo da CML que resultou numa mudança de atitude da população incentivando a utilização do espaço.

*“Foi um pouco as duas coisas. Porque começou com uma vontade muito grande do município em resgatar o rio porque a população também queria... A pergunta era: “Se o rio está ali tão próximo porque é que não conseguimos lá*

---

<sup>9</sup> O projeto de remodelação da Ribeira das Naus foi feito em parceria com o arquiteto João Nunes.

*chegar?” De fato, a verdade é que o porto de Lisboa não utilizava aquelas zonas há muito tempo. A partir desse protocolo é que se conseguiu que o município tivesse poder, em termos de propriedade, de intervir nesse espaço. Coincidiu também com a revisão PDM, com novos objetivos... novo paradigma não é? Porque antes era muito a construção, o carro e agora tá assim um bocadinho indo ao encontro do que estávamos a falar no início; A perceber que o espaço público tem um impacto direto na qualidade de vida e na saúde das pessoas. Portanto, foi uma estratégia objetiva do executivo cujo trabalho prioritário da altura era a frente ribeirinha e poder resgatar; E a partir do momento que conseguiu isso a transformação foi exponencial, foi muito rápida. Como esteve fechado durante muitos anos todas as intervenções acabaram por acontecer com um sentido de abrir o máximo possível e não criar novas barreiras.” (Paula Rebelo, 21/11/2017).*

### **6.1.1. A Zona da Graça - O projeto “Uma Praça em cada Bairro”**

O Largo da Graça, no último ano, passou por uma radical transformação. Através do programa “Uma Praça em cada bairro” a zona foi agraciada com um projeto de remodelação que criou um espaço de convívio amplo, diminuindo as áreas de malha viária e priorizando as pessoas e os espaços de lazer.

O programa idealizado em 2013 pela CML teve início em 2015, objetivando a criação inicial de 30 praças espalhadas por diferentes zonas de Lisboa. O Programa “Uma Praça em cada bairro” surgiu dentro da lógica do Plano Diretor Municipal que tem como objetivo a requalificação do espaço público.

*“Começou com uma ideia, com um levantamento que nós já tínhamos feito que era identificar os bairros da cidade...começou com essa ideia de "Lisboa, cidade bairro". Queríamos identificar os bairros e perceber quais eram as centralidades em termos de espaço público que tinham potencial para ser melhoradas. Foi na identificação dessas centralidades que no fundo tinham a ver...(eu vou começar quase pelo fim) essas centralidades foram identificadas bairro a bairro para se perceber onde eram os sítios de convívio com potencial e marcar*

*uma espécie de um Buffer<sup>10</sup> de 500 metros, que é a distância que se considera minimamente confortável para caminhar a pé. Todas as centralidades ligadas em sistema. Começou então com a identificação das centralidades e depois, por uma questão prática foram escolhidas 30 áreas com as juntas de freguesia para intervir na prática, onde o Largo da Graça também foi identificado” (Paula Rebelo, 21/11/2017).*

Uma das premissas deste programa era a participação da população procurando perceber quais suas necessidades diante do espaço que estava a ser projetado. Além de reuniões públicas houve a possibilidade de participação através do site da CML.

### **6.1.2. Ribeira das Naus**

A Ribeira das Naus é uma das zonas mais emblemáticas de Lisboa. Seu caráter histórico a coloca em uma posição importante ao longo da história do município. Em sua origem e assim o foi até a década de 1950, serviu como arsenal da marinha de guerra onde eram feitas as reparações nos navios.

Na entrevista realizada com João Gomes, o arquiteto fez uma breve contextualização histórica da zona e das transformações pelas quais passou até chegar à atualidade evidenciando o aspecto mítico relacionado à Ribeira da Naus.

Segundo o arquiteto o programa para a remodelação da Ribeira das Naus pedia três coisas: um grande espaço público em contato com o rio, criar uma forma de acesso ao rio e o terceiro aspecto era criar um espaço verde. A estas três premissas foi acrescentada uma quarta que foi resgatar a história do arsenal através da valorização arqueológica de suas estruturas que estavam, até então soterradas.

Acerca das duas primeiras premissas o arquiteto explica:

---

<sup>10</sup> Do inglês que tem como tradução literal “amortecedor”, pode ser entendido como expressão que refere-se a uma área suficientemente satisfatória que visa a segurança e conforto.

*“O porto, durante séculos foi construindo sua estrutura portuária e foi bloqueando o acesso das pessoas ao rio. Portanto a Praça do Comércio durante muito tempo era praticamente o único ponto de contato. O tema do contato com o rio é assim um mito né? As pessoas dizem que os contentores impedem as pessoas de chegarem ao rio. É claro que isso tem algo absurdo porque as pessoas trabalham no porto. O porto também significa isto: trabalho. Eu acho que o porto também é uma forma de as pessoas estarem em contato com o rio e faz parte da identidade de Lisboa. Portanto não é só o recreio, mas é o trabalho” (João Gomes, 14/12/2017).*

Sobre o espaço verde e o contato das pessoas com a memória e com a natureza João Gomes afirma:

*“Um jardim, um parque; um espaço verde com relva... qualquer coisa que permitisse essa ideia que não é só uma praça mineral como o Terreiro do Paço, mas que poderia haver um outro tipo de espaço que fosse mais vegetal, mais suave, digamos. Mas nós temos que ser sensíveis ao modo como os espaços são constituídos. A matéria que os constitui, porque isso também impede a forma de estar. Uma das coisas mais importantes pra nós na Ribeira das Naus foi onde por todas as escavações arqueológicas à vistas para nós termos um contato físico com a memória, para além de termos aquela rampa que nos permite descer e entrar dentro da água e tomar banho. E temos as superfícies de relva e temos as superfícies de pedra. Nós temos a relva que é o que permite as pessoas deitarem no chão. E se pensarmos bem aonde é que no centro da cidade as pessoas poderiam ter um comportamento assim? Não Podiam.” (João Gomes, 14/12/2017).*

Para Hall (1986: 76) poucos arquitetos e urbanistas dão a devida importância à textura em seus projetos sendo seu uso, muitas vezes, fruto do acaso. Para o autor essa desvalorização não leva em consideração o impacto psicológico e social que os espaços tem na vida das pessoas perdendo oportunidades únicas de criar significados e usos mais positivos para o espaço público, por exemplo.

Quando questionei sobre o pontão que avança para o mar João Gomes explicou que houve vários motivos para assim o fazer. O primeiro era para que as pessoas pudessem caminhar para dentro do rio, afastando-se da costa e para dali (e somente dali) conseguissem ver o Castelo de São Jorge, coisa que antes não era possível pela

proximidade à cidade. Outro ponto foi criar um elemento que pudesse conectar duas porções geometricamente distintas da costa (uma rampa e um paredão inclinado).

Além de outras considerações o arquiteto ressaltou os problemas de engenharia que precisavam ser resolvidos e que através desta construção foi possível colocar por baixo da terra liberando a paisagem de uma possível construção elevada.

*“São grandes infraestruturas que supostamente deviam ser edifícios que nós conseguimos enterrar e integrar. Para desenharmos esta praça, que avança, nós desenhamos com bancos circulares a toda volta. Enfim, nós estávamos a pensar num sítio como uma esplanada, para permanência” (João Gomes, 14/12/2017).*

Sobre o bordo (que delineia todo o pontão) havia uma curiosidade de minha parte sobre a prospecção que havia sido feita no momento do projeto sobre suas futuras utilizações, como estrutura para sentar e comer, por exemplo:

*“O que pensamos foi; Tínhamos que ter um bordo suficientemente robusto; O nosso modelo foi o Cais das Colunas. O Cais das colunas tem imensas qualidades. É um lugar maravilhoso. Foi assim uma invenção arquitetónica e portuária maravilhosa. Por que é maravilhosa? O cais das colunas é exatamente a estrutura original quando houve a reconstrução pombalina. O que tem aqui de muito interessante; Tem as namoradeiras que são bancos inseridos nos muros. (Nesse momento faz várias explanações mostrando um esboço do local desenhado em uma folha de papel. Após explicar sobre a rampa dos Cais das Colunas em degraus continua); Nós achamos que esta rampa era ideal para criar todo aquele contato. Então o que fizemos foi medir muito cuidadosamente a inclinação das pedras, vimos como as pessoas se sentavam (percebemos que era por estar inclinado que conseguiam se sentar com os pés mais baixos). Percebemos que isso era um desenho fascinante e imaginamos (porque nossa área de trabalho era cerca de 360 metros de comprimento) que fazer isso com 360 metros de comprimento podia ser uma espécie de praia. Portanto há uma semelhança entre esse elemento e os cais das colunas. Portanto percebemos que essa forma de construir os muros muito espessos, não muito altos e que permitissem as pessoas se sentar neles, ou sentar ao lado ou deitar em cima; Achamos que era muito importante. Estivemos a desenhar e a tentar perceber qual era a altura e a largura que teria que ter para ter duas funções. Uma para que pudéssemos sentar nela e*

*sentar significa uma medida muito do corpo né? São 45cm mais ou menos. E a largura combinada com a altura é uma boa proteção do corpo. Se você tropeçar cai por cima da pedra, não no rio. Se sentar, mesmo que se deite pra trás a cabeça fica pra fora, mas o corpo não cai. Portanto desenhamos isso com uma medida tal que pudesse funcionar como uma proteção sem ser um muro alto. Como um banco, mas um banco que permitisse sentar, sentar ao lado e por os pés, ou deitar. Tentamos desenhar isso pra já com um bloco de pedra inteiro que não se partisse, que não se desfizesse, que fosse muito resistente, que fosse macio e que criasse o limite e o contato com o rio. Depois pensamos no centro criar um banco circular onde as pessoas podiam sentar e usar o banco da maneira que quisessem. Depois houve um quiosque, nós não sabíamos que ia haver um quiosque”.*

Sobre a rampa e a área verde João Gomes continua,

*“A inauguração foi numa primavera. Num primeiro momento as pessoas passavam. Quando começou a aquecer o tempo e começaram a vir turistas, sobretudo os mais novos, nós começamos a ver de repente as raparigas e os rapazes que se despiam com fatos de banho e se deitavam ali ao sol na relva, entravam dentro da água e saíam. Isso foi uma mudança de comportamento completamente chocante. Chocante no bom sentido; e as pessoas perceberam que tinham um espaço de liberdade e que não tinham na Praça do Comércio por razões muito evidentes. A Praça do Comércio não está inclinada para o rio, não tem relva, mas ali também é uma praça não é um lugar como a Ribeira das Naus e aí os códigos são um bocado diferentes e tem usos diferentes. A nossa expectativa foi muito surpreendente. As pessoas nunca tinham se sentado perto do rio desta maneira, a não ser no cais das colunas. Nós não tínhamos essa proximidade porque de fato não havia zonas de contato. As pessoas as vezes chamam praia à isso. As pessoas dizem que é uma praia. Não há bancos ali. Quase não há mobiliário. Porque as pessoas podem se sentar nos muros, podem se sentar nos desníveis, se sentar de outra maneira na rampa que desce, portanto as pessoas podem ter qualquer relação entre seu corpo e o espaço que é o que normalmente podemos sentir nos parques que é uma liberdade na forma de estar. Se formos ao jardim não, temos caminhos, bancos; O comportamento é diferente. Aqui nós pensamos que devia ser um espaço com imensa liberdade. Nessas rampas (de relva) eu já vi pessoas deitadas, sentadas a conversar fazendo piquenique, mas também já vi uma missa ali. Os padres montaram um palco e fizeram uma missa com aquela plateia cheia de gente. **Portanto eu já vi imensas manifestações de***

*apropriação completamente diferentes umas das outras. E isso era exatamente o que nós pretendíamos” (João Gomes, 14/12/2017, negrito meu).*

Analisando todo o nível de cuidado e detalhamento com que o projeto foi concebido, levando em consideração diversos aspectos, muitas vezes esquecidos no mundo ocidental, como a textura do piso, por exemplo, as alturas respeitando a escala humana, o projeto da Ribeira das Naus foi um modelo que se assemelha em alguns pontos com os espaços japoneses que combinam diversos elementos para ressaltar a participação sensorial do corpo inteiro (Hall 1986: 174).

Contextualizado a citação de João Gomes que inicia este capítulo: ‘Quando se faz um espaço público, nós não determinamos exatamente a vida que acontece lá’ Hall afirma que os espaços japoneses conduzem o ‘indivíduo ao lugar preciso onde este se verá em condições de descobrir alguma coisa por si próprio’ (Hall 1986: 174).

### **6.1.3. A Praça do Comércio**

O projeto da Praça do Comércio foi realizado pelo ateliê de arquitetura de Bruno Soares e Pedro Trindade. Em entrevista realizada com o arquiteto Pedro Trindade no dia 20/11/2017 algumas questões importantes sobre as funções e usos desse espaço foram salientadas. Pedro fez uma breve contextualização histórica sobre a zona e apresentou alguns pontos relevantes sobre as opções urbanísticas para o espaço.

*“A questão de não haver árvores no Terreiro do Paço... porque sempre nos pareceu que aquele espaço era de tal forma único e monumental que estando envolvido por um espaço verde não fazia sentido. Estar lhe dando atributos que não eram nem próprios de uma praça real nem aquilo que ao nosso entender deveria ser o espaço. Colocar árvores lá nos pareceu como qualquer coisa como colocar toldos na torre Eifel. As árvores que existiam no Terreiro no Paço aconteceram num período de 20 anos no máximo e elas nunca cresceram verdadeiramente; E há uma coisa muito relevante no Terreiro do Paço é que estas árvores comprometiam a leitura simbólica daquele espaço. Achamos sempre que este espaço, por ter um caráter tão diferenciado no contexto de Lisboa, porque é*

*um monumento nacional e de fato é único na Europa, que estar a amenizá-lo é estar a desvirtuar o sentido de aparato monumental que deve ter” (Pedro Trindade, 20/11/2017).*

Para Carvalho (2011: 32) ‘os espaços urbanos devem de reunir as condições de conforto, segurança e atratividade propícias ao desenvolvimento das atividades e funções para que foram projetados, garantindo também a afirmação da sua identidade formal’.

*“Por exemplo, a Praça do Comércio. Acontece de tudo ali. Eu já vi centenas de milhares de pessoas reunidas em manifestações, eu já vi a missa do papa, já vi concertos com palcos, já vi as pessoas que passam todos os dias, já vi feiras, portanto é um espaço que é tudo, mas não é nada. **Ou seja, a maior parte dos espaços públicos tem que ter um certo grau de indeterminação para que a vida possa suceder não é ?”** (João Gomes, 14/12/2017, negrito meu).*

“Por exemplo, durante o século XIX, os higienistas urbanos promoveram o ajardinamento de várias praças públicas, substituindo o pavimento ou o terreiro livre para reuniões por zonas centrais arborizadas. Este feito, impulsionado pela vontade de embelezamento urbano, reduziu em muito a potencialidade de usos diversos que o espaço amplo oferecia, tornando as praças meras repetições dos jardins públicos” (Carvalho 2011: 31).

Para Carvalho (2011: 32) é importante que os espaços urbanos possuam ‘um conjunto de características estruturantes que os identifiquem e distingam das restantes tipologias’. Hall (1986: 59) afirma que a percepção de um espaço, muito além de incluir o que pode ser percebido implica em assumir igualmente o que pode ser eliminado.

#### **6.1.4. O Cais do Sodré**

O projeto do Cais do Sodré foi realizado pelo ateliê de arquitetura pertencente aos arquitetos Bruno Soares e Pedro Trindade onde se distinguiram três espaços distintos: um que correspondeu à antiga Praça dos Remulares que é hoje o Largo Duque

da Terceira, o Jardim Roque Gameiro e o Cais das Pombas. Na entrevista realizada com o arquiteto Pedro Trindade foi possível entender como se articulou o projeto entre si e entre o projeto da Ribeira das Naus.

Assim como os projetos da Ribeira das Naus e da Graça havia a preocupação com um fio condutor que guiou o conceito de remodelação do Cais do Sodré e que podemos traduzir por “liberdade”. Pedro afirma que gostariam de oferecer com seu projeto “condições de conforto ambiental suficientemente apelativas para que o consumo não seja feito de uma forma imperativa, mas decorra de uma opção” (Pedro Trindade, 20/11/2017).

Sobre a Praça dos Remulares Pedro afirma:

*“Esse espaço que inicialmente começa por ser um espaço integral, como um espaço verde, vai sofrendo ao longo do tempo sucessivas amputações (introdução do elétrico, abertura de espaço para o automóvel) e já nos anos 40 está todo ele de alguma forma estropiado. Portanto, naturalmente como interface de transporte, não poderia ser um espaço predominantemente de recreio e lazer, nem pra turista. Ele deveria corresponder antes de tudo às necessidades dos utilizadores de transportes públicos e isso condicionou todo o desenho” (Pedro Trindade, 20/11/2017).*

No Cais das Pombas existiam os Jardins Portáteis, intervenção do Leonel Moura e Muro Cais da Irene Buarque. Segundo Pedro os Jardins Portáteis estavam muito degradados e o Muro Cais da Irene Buarque, considerado uma escultura encontrava-se em uma altura que não permitia nem sentar-se nem admirar a paisagem adequadamente.

*“A escultura foi integrada ao projeto. Como ela estava a cerca de 70 centímetros de altura, que nem era “carne nem era peixe”; subimos a cota do pavimento de modo que as pessoas pudessem sentar. Uma dúvida que surge muito é porque que no projeto do espaço não pusemos árvores. É simplesmente porque não era possível. Porque é uma laje de betão”. (Pedro Trindade, 20/11/2017).*

Segundo Pedro Trindade o projeto do Cais do Sodré permitiu reduzir de 72% para 40% o espaço para circulação viária e aumentar para 60% o espaço para circulação pedonal. Segundo Gehl (2013: 9) o século XX foi marcado por esforços para lidar com

o número crescente de automóveis onde todo espaço livre disponível ‘era simplesmente preenchido com veículos em movimento ou estacionados’. O mesmo ocorreu na Praça do Comércio que durante anos serviu de estacionamento perdendo seu incrível potencial monumental e turístico.

Hall (1986: 166) diz que a valorização dos espaços mais naturais, inclusão de passeios largos, podendo gozar da variedade de perspectivas e da diversidade de sentidos e cheiros proporcionados pelo andar a pé desmotivam a permanência das pessoas em automóveis favorecendo uma vida de maior contemplação dos espaços e menos poluição.

Na praça Roque Gameiro foram criadas diferentes configurações com os mesmos bancos com o objetivo de receber diferentes públicos. Desde os bancos para contemplação aos bancos para grupos virados de frente uns pros outros.

*“(...) e isso funciona muito bem porque a malta consegue ficar ali num grupo relativamente grande de 6 ou 7 pessoas a espera entre as duas e as três porque saíram da escola a uma e o barco e só as três. Ficam ali a conversar e a comer em conjunto, vão ao Pingo Doce e comem aqui e socializam de outra maneira. E depois aqui, apoiado pelo quiosque que já existia; Uma zona de esplanada de comes e bebes mais formal. Fazer conviver no mesmo espaço diferentes formas de apropriação do banco. No Cais das Pombas a Câmara de Lisboa fez um concurso (e nós participamos do júri) para criar uma espécie de banco que fosse ajustado a isso que foi o modelo gaivota, que é um banco com características completamente diferentes. É um banco divã que as pessoas podem deitar e estar ao sol. Começaram por ser três, entretanto a Câmara encomendou mais e são 7 bancos que de certa forma animam aquele espaço que era muito inóspito e que criam um certo evento, um acontecimento. O banco funciona quase como peça escultórica apropriável” (Pedro Trindade, 20/11/2017).*

## 7. “Luz, Câmera, Imaginação” - Construindo o Discurso Visual

As cidades, sua organização e processos urbanos segundo Vale (2016: 138) constituem ‘um dos traços mais universais da sociedade’ e, segundo o autor, mesmo as regiões mais remotas ‘experenciam e relacionam-se com algum tipo de vida urbana’. Já em 1906 Marcel Mauss estudava a ‘morfologia social’ da sociedade esquimó a partir de uma análise voltada às questões culturais como fatores essenciais da organização social.

Mauss pesquisou as interações coletivas baseado no que chamava de ‘substrato material das sociedades’ que, segundo o autor era caracterizada pela ‘forma que elas ostentam ao se estabelecerem no solo, o volume e a densidade da população, a maneira como esta se distribui, bem como o conjunto das coisas que servem de base para a vida coletiva’ (Mauss 2003: 423).

Na atualidade, os espaços públicos, regiões planejadas para a convivência e sociabilidade, característicos da vida urbana, contribuem para a criação de relações entre os diversos grupos sendo os restaurantes e similares o ponto de convergência onde a necessidade e o prazer se encontram. A importância desses espaços, como possível extensão dos restaurantes para a comensalidade, tem se mostrado cada vez mais presente (Ribeiro, et al. 2016: 266) na medida em que a casa pode não ser mais o local preferencial para as refeições (Moreira 2010: 24). A modernidade alimentar (Fonseca et al. 2011: 3854) ‘levou a uma apropriação dos espaços públicos como novo espaço de comensalidade e vida social gastronômica’.

Sobre o consumo alimentar fora de casa, Moreira (2010: 24) defende que é provável que esse comportamento ‘tenha surgido junto dos drive-thrus nos Estados Unidos, a partir dos anos 1950, inicialmente inaugurados na Califórnia pelos irmãos McDonalds’. A guerra, o avanço tecnológico da indústria (Moreira, 2010: 24 apud Carneiro 2003) bem como ‘a inserção da mulher no mercado de trabalho’ foram decisivos para a mudança no panorama das práticas alimentares que migraram exponencialmente de dentro para fora do lar (Estefanía 2017: 84 e Yasmeeen 2000: 341).

A primeira definição formal de "comida de rua" surgiu em um Workshop Regional da Food and Agriculture Organization das Nações Unidas (FAO) sobre Street Foods na Ásia, realizado em 1986 em Jogjakarta, Indonésia 'O termo "alimentos de rua" veio descrever uma ampla gama de "alimentos e bebidas prontos para consumo, vendidos e às vezes, preparados em locais públicos, notadamente ruas'. No livro intitulado "Street Food. Culture, economy, health and governance", as organizadoras salientam a importância dessas manifestações para as economias locais, sustentabilidade alimentar e identidades culturais e reforçam o direito coletivo aos espaços públicos (Cardoso, 2014: 4 apud Winarno, 1986).

Essa transição de 'dentro para fora' trouxe implicações comportamentais que foram sendo moduladas por influências externas e/ou ambientais. A sazonalidade que por si só interfere diretamente na produção de certos alimentos altera também a forma como nos relacionamos com os espaços e influencia nossas escolhas alimentares.

Neste capítulo apresentarei os resultados imagéticos da pesquisa. Inicialmente havia pensado em dividir as imagens por áreas, por exemplo: Imagens da Graça, Imagens da Praça do Comércio, etc., mas percebi que, para além da estratificação das zonas era importante considerar as datas das saídas de campo, independentemente de qual zona havia fotografado. Esta consideração mostrou-se relevante na medida em que, em certos dias, em uma mesma saída de campo, houve diversas zonas fotografadas e a separação dessas imagens poderia comprometer uma análise mais integrada. Assim como extensão deste projeto de pesquisa surgiu o livro fotográfico "Outside" que apresenta as 154 imagens em ordem cronológica.

Mesmo tendo considerado como ponto de partida o dia 11/12/2016, creio que é importante retroceder um pouco mais e incluir nos resultados um ensaio realizado dia 06/06/2016, quando de minha saída para fotografar as Festas dos Santos Populares na zona da Graça, em Lisboa. O motivo desta inserção se dá primordialmente para contextualizar uma mudança geográfica de localização das festas ocorrida entre os anos 2016 e 2017 que explanarei na sequência das imagens.

Lembro-me de ter sido meu primeiro contato com este evento cultural e surpreendeu-me as diferenças existentes entre as festas realizadas em Portugal e no Brasil. As manifestações populares com barracas nas ruas, venda de comidas e bebidas eram bastante similares, mas os alimentos e bebidas ofertados certamente eram bem diferentes. Naquele dia o que mais me chamou atenção era a forma como as sardinhas eram servidas ao consumidor. Além de no Brasil a sardinha não ser um prato típico nas Festas Juninas o peixe servido é limpo (com a retirada das vísceras) antes de passar por algum processo de cocção<sup>11</sup>.

Neste dia minha intenção não era fotografar os hábitos alimentares nas Festas dos Santos Populares, mas, pelo seu teor predominantemente gastronômico, era impossível que esse tema não aparecesse como a centralidade das fotografias.

### **7.1. Zona da Graça**

Após a realização das saídas fotográficas em diferentes períodos do ano pude perceber que a zona da Graça, diferentemente do Cais do Sodré, Praça do Comércio e Ribeira das Naus possuía uma maneira diferenciada quanto à apropriação dos espaços públicos para as pessoas se alimentarem. Desde o princípio era claro a existência de um padrão mais formal de equipamentos urbanos com bancos tradicionais e mesas e bancos de cimento fixos dispostos ao longo das praças, largos e miradouros.

Outra questão importante era a oferta de serviços de restauração que cercava abundantemente essas zonas e que disponibilizavam opções mais tradicionais de acomodação para as pessoas no momento de fazerem suas refeições. Segundo o material didático elaborado pela Câmara Municipal de Lisboa referente ao projeto “Uma Praça

---

<sup>11</sup> Neste dia estava com um amigo carioca, o Júlio, que de passagem por Lisboa aceitou meu convite para acompanhar-se em minha saída fotográfica pela Graça. Lembro-me claramente da cara de espanto que ele fez ao receber a sardinha inteira em cima do pão. Estático ele me olhou e disse algo como: “Eles não vão limpar o peixe?”. Depois se virou para o vendedor e perguntou atônito se ele não ia limpar o peixe. O vendedor sem dar muita atenção deu algumas indicações de como ele deveria fazer e eu, rindo muito da situação tentava confortá-lo de que nós seríamos capazes de realizar o tal feito.

em Cada Bairro”<sup>12</sup> somente no perímetro imediato<sup>13</sup> ao Largo da Graça são 12 cafés e restaurantes, a maioria deles com opção de sentar-se em mesas nas esplanadas ou mesmo em mesas e cadeiras ocupando uma pequena parte das calçadas.

Esse comportamento mostrou-se bastante similar em outros espaços da Graça como o Miradouro Portas do Sol, a Calçada da Graça e o Miradouro Nossa Senhora do Monte. Em todas as épocas do ano (exceptuando-se as Festas dos Santos Populares) o comportamento deu-se em direção a uma ocupação dos bancos e espaços pré-determinados como zonas de estadia, servindo não só para descanso como para a realização de refeições.

A oferta desses equipamentos servidos por uma ampla rede de restauração certamente estimula uma apropriação mais formal do espaço público, inclusive com o consumo Take Away onde o cliente compra sua refeição e leva-a embalada para o consumo fora da loja. Apesar do consumo e apropriação do espaço público predominantemente formal, pudemos perceber algumas manifestações mais espontâneas e apropriações informais dos espaços.

No Miradouro Nossa Senhora do Monte (Fotografia 1) nota-se que o murete que contorna a área de terra, que se encontra em elevação em relação à rua, é usado como banco. Essa utilização é capaz de transformar a própria função do banco, que, muito próximo a este murete torna-se não mais banco, mas mesa para o novo banco.

---

<sup>12</sup> Realização: Pelouros do Urbanismo, Política de Solo e Espaço Público. Divisão Municipal de Planeamento, Reabilitação e Gestão Urbanística. Departamento de Planeamento e Reabilitação Urbana. Divisão de Projetos e Estudos Urbanos.

<sup>13</sup> Estabelecimentos comerciais de restauração localizados em edifícios do outro lado da rua, em frente ao Largo.



Fotografia 1: Miradouro de Nossa Senhora do Monte. Braga. 05/10/2017.

Notamos neste pequeno espaço o compartilhamento da área de forma a acomodar, ao que indica quatro distintos grupos. Um formado por um homem e uma mulher, e três grupos formados por apenas uma pessoa. O par e o homem de azul estão sentados no banco separados por uma distância significativa que, somado ao objeto colocado entre eles, que de certa forma funciona como delimitação de espaço, indica que não estão juntos. Os três estão de costas para o homem e a mulher sentados no murete. Estes, por sua vez, estão não só distante um do outro, mas olham em direções diferentes.

O homem e a mulher que estão sentados no murete bebem a mesma bebida, provavelmente um sumo de fruta. É interessante perceber que a largura do banco e os espaços vazios entre as pessoas sentadas possibilita que sejam criadas novas áreas individuais de descanso e consumo.

“O termo “distância pessoal” devido a Hediger, designa a distância fixa que separa os membros das espécies sem-contato<sup>14</sup>. Podemos imaginar a coisa

---

<sup>14</sup> “Na sua relação com o espaço, o mundo animal dá testemunho de uma dicotomia absoluta e um tanto inexplicável. Enquanto, em certas espécies, os animais experimentam a necessidade de aglomeração e do contato físico, noutras espécies, pelo contrário, evitam todo contato. Nenhuma lógica parece determinar à superfície a categoria a que pertence uma dada espécie. Entre os animais “de contato”, encontra-se a morsa, o hipopótamo, o porco, o morcego castanho, o papagaio e o ouriço, bem como muitos outros. Em compensação o cavalo, o cão, o gato, o rato, o rato almiscarado, o falcão e a gaivota são espécies “sem contato”” (Hall 1986: 24).

sob a forma de uma pequena espera protetora, ou de um balão, que um organismo criasse à sua volta para se isolar dos outros” (Hall 1986: 139)

Apesar de buscarmos criar espaços individuais em espaços públicos, em algumas situações onde as áreas requeridas são insuficientes para acomodar todos, existe uma maior aceitação em estarem próximos um dos outros. Essa mesma situação não se daria tão naturalmente em outros lugares, como por exemplo, no Brasil, onde a violência e o roubo são frequentes e estamos geralmente com medo de sermos vítima de algum furto ou agressão.

Para o autor (1986: 135) cada um de nós possui ‘certo número de personalidades situacionais aprendidas, cuja forma mais simples se liga aos nossos comportamentos no decurso dos diferentes tipos de relações íntimas, pessoais, sociais e públicas’.

Nesse ponto gostaria de fazer um breve parêntesis relatando uma experiência pessoal que tive no final da infância, quando contava com mais ou menos 10 anos. Meus pais sempre foram envolvidos em trabalhos filantrópicos, principalmente de ajuda a crianças carentes e em situação de risco social. Com ajuda da sociedade tubaronense, minha cidade natal em Santa Catarina, Brasil, fundaram em 1994 a Fundação Educacional Joanna de Angelis, entidade sem fins lucrativos que atendia a mais ou menos 120 crianças pobres de 0 a 6 anos de idade. A creche funcionava (e funciona até hoje) de segunda a sexta-feira, das 7 horas da manhã às 18h sem cobrar nada, mas no período de sua construção, quando ainda não estava com as portas abertas como creche, de 1989 a 1993 servia também o conhecido Sopão aos sábados para os moradores carentes das redondezas.

Eu sempre ia ajudar minha mãe, meu pai e os demais voluntários a fazer e servir a comida que geralmente era composta do prato principal (uma sopa ou carreteiro<sup>15</sup> ou massa com carne e salada) e uma sobremesa que podia ser bolo, gelatina ou alguma fruta. Tudo dependia daquilo que as empresas doavam e eram servidas cerca de 150 refeições a cada sábado.

---

<sup>15</sup> Prato típico “gaúcho” referente a quem nasce no Rio Grande do Sul. É um prato cuja base é o charque, também conhecido como carne de sol. Essa carne é salgada e desidratada ao sol.

Lembro-me perfeitamente como se fosse hoje da maneira como as crianças comiam e protegiam seus pratos. As mesas eram de madeira bruta forradas com plástico estilo refeitório, com aproximadamente 10 metros de comprimento e acomodavam umas 30 crianças por vez. As crianças menores usavam latas para sentar, pois as mesas não eram infantis. Apesar de terem que se sentar muito próximas umas das outras elas comiam com os dois braços em cima da mesa fechando o prato e com a cabeça baixa, tão baixa que mal conseguíamos ver os pratos.

Imitando o que minha mãe dizia passava por essas pessoas, muitas com a minha idade e dizia que era para elas comerem tranquilas que ninguém pegaria a comida delas e, além disso, poderiam inclusive repetir se quisessem. Certamente essa é uma situação eventualmente mais rara na Europa, mas no Brasil ainda é muito comum e bastante próximo de nós percebermos a criação dessas bolhas de proteção em torno do alimento.

Nesta situação específica relatada ambiente e as vivências de restrições e privações alimentares determinaram a forma como cada um agiu e reagiu quanto a presença do alimento. Provavelmente, se houvesse mais espaço, as crianças se sentariam mais distantes umas das outras de forma isolar-se e comer sem o constante sentimento de perda e fome. Na situação relatada, não havendo essa possibilidade a maneira encontrada foi criar uma estrutura de contenção com os braços informando que aquele alimento pertencia somente a ela e que não era dado o direito nem ao menos de ver o que o prato continha.

Hall (1986: 146) fala do sistema de classificação proxémico como o sistema a que chamamos de territorialidade. (...) ‘pertence à natureza dos animais e, em concreto, do ser humano. Nesse comportamento, homem e animal servem-se de seus sentidos para diferenciar as distâncias e os espaços’ e protegerem a si próprios e o que é seu.

Na Calçada do Monte (Fotografia 2), no muro de proteção, sua largura suficientemente segura e confortável para sentar transforma esta estrutura de proteção e contenção em um equipamento urbano que é uma mesa e cadeira ao mesmo tempo. A possibilidade de contemplação da cidade com a vista privilegiada da Baixa Chiado e adjacências estimula a estadia na zona, aparentemente inadequada para as refeições.



Fotografia 2: Calçada do Monte. Graça. 05/10/2017.

Nesta imagem um jovem casal de turistas divide uma cerveja e uma sandes. Eles estão sentados de frente um para o outro e a cumplicidade é representada não só por esta posição, mas também pelos pés entrecruzados. A opção de dividir uma refeição também denota um ato de altruísmo e cuidado um do outro além de sugerir que mesmo refeições fora de casa podem ser calculadas de forma a partilhar o alimento. Pela embalagem da sandes esta refeição foi notadamente comprada em alguma padaria ou mercearia próxima e levada até esta área para ser consumida. Esta imagem é a única em que houve uma intervenção direta do fotógrafo antes da realização da mesma<sup>16</sup>.

No Largo da Igreja de São Cristóvão a escadaria da igreja assume nova função e transforma-se em zona de estadia para a realização de refeições por grupos de jovens estudantes (Fotografia 3). A proximidade de pequenos mercados e cafetarias influenciam os tipos de alimentos que são consumidos em cada local. Nesta imagem

---

<sup>16</sup> Estava me preparando para fazer a fotografia quando fui notada e como acreditava que a imagem era muito interessante para abandoná-la decidi pedir ao casal autorização e fotografá-los. Tomei o cuidado de explicar o objetivo da imagem e como eles se mostraram muito tranquilos e desinibidos resolvi mantê-la no corpo da pesquisa.

vemos dois grupos distintos sentados nas escadarias da igreja consumindo gelados. Um grupo formado por cinco jovens e um formado por uma jovem. Aqui nota-se que em espaços maiores, quando não há muitas pessoas ocupando o lugar, há um distanciamento mais acentuado e uma preferência por estar mais afastados um dos outros criando espaços individuais mais isolados.



Fotografia 3: Largo da Igreja de São Cristóvão. Graça. 05/10/2017.

No Miradouro Sophia de Mello Breyer Andersen, apesar de ser uma área cuja concentração de público se dá principalmente nas mesas e cadeiras disponibilizadas pelo quiosque existente (Fotografias 4 e Fotografia 5), ocorrem algumas apropriações informais dos espaços públicos (Fotografia 6 e Fotografia 7). A possibilidade de contemplar Lisboa do alto desfrutando de uma refeição transforma o muro e grade de proteção em uma mesa com vista privilegiada.



Fotografia 4: Calçada da Graça. Graça. 05/10/2017.

As diferentes estações do ano aparentemente não interferem nessa apropriação sendo determinante a existência ou não de sol para favorecer essa estadia. O microclima mais ameno gerado pela luz do sol poente torna o clima mais agradável e estimula a permanência no local mesmo no inverno, por exemplo.

Gehl (2013: 169) dá um exemplo acerca deste tema citando a Escandinávia, país nórdico. Lá, quando o sol aparece e a brisa é suave geralmente o humor das pessoas melhora independente da temperatura que pode estar a marcar  $-10^{\circ}\text{C}$ .

“Implícito nesta satisfação está o fato de que o influxo de calor solar e ausência de ventos frios significam que o microclima pode ser rapidamente levado a uma zona de conforto que convida a ir ao ar livre mesmo quando faz frio. Os esquiadores podem fazer longas paradas ao sol, junto a cabanas de esqui ou montanhas, ao abrigo do vento. O ar é frio, mas a temperatura que sentimos na pele é agradável” (Gehl 2013: 169).



Fotografia 5: Calçada da Graça. Graça. 20/12/2017.

Nas fotografias 6 e 7 percebemos a diferença do posicionamento das pessoas no espaço quando o alimento está sendo compartilhado ou não. Na imagem 6 percebemos um casal, que pode ser de amigos, que está de frente para a vista. A mulher está sentada, com as pernas para fora e segura um copo de plástico com sumo. O jovem está de pé, debruçado sobre a grade de ferro. Eles conversam, mas não se aproximam e não compartilham o alimento.



Fotografia 6: Miradouro Sophia de Mello Breyner Andersen. Graça. 20/12/2017.

Já o casal com o cão senta próximo um do outro, de frente um para o outro, separados pelo prato que contém o alimento que estão compartilhando. Na fotografia 7 é interessante perceber que mesmo havendo lugares disponíveis para sentar junto às mesas, o casal optou por fazer do muro a sua mesa e desfrutaram da refeição junto ao seu animal de estimação. A refeição foi composta de empada e café tipo americano, sendo que cada um tinha seu próprio copo e empada (colocada no mesmo prato). Neste dia de frio o sol aquecia a área e as bebidas quentes favoreciam o bem estar.



Fotografia 7: Miradouro Sophia de Mello Breyner Andersen. Graça. 20/12/2017.

Outra possibilidade que vemos para essa situação é adequar o espaço à presença do cão que, sentado junto às mesas poderiam trazer transtorno ou mesmo causar desconforto para outros clientes. Independente do motivo foi perceptível a tranquilidade e aconchego que a apropriação informal gerou para o casal.

Além das refeições prontas trazidas de casa ou compradas em cafés e mercados por turistas e residentes em momentos de lazer, as pessoas apropriam-se informalmente

dos espaços públicos para o preparo de alimentos. Geralmente feito por residentes essas apropriações ocorrem não só nas Festas dos Santos Populares, mas também no dia a dia dos moradores (Fotografia 8).



Fotografia 8: Graça. 20/05/2017.

Na fotografia 8 vemos uma residente preparando uma carne assada na brasa em uma pequena churrasqueira portátil que é colocada na escadaria pública em frente a porta de sua casa. Junto à porta havia um saco de carvão e abanador. Pela quantidade de carne a refeição serviria pelo menos a três pessoas.

Diferentemente da zona ribeirinha, a zona da Graça apresenta uma característica peculiar quanto à ocupação. Por ser uma zona residencial os espaços públicos são utilizados também para o preparo de refeições, como carne assada, por exemplo. Em muitos sítios a porta das casas são voltadas para escadarias sem vias para a passagem de veículos e com fluxo pedonal reduzido tornando-se uma área bastante tranquila. Nos apartamentos que não dispõe de área externa, como é comum na zona, algumas preparações como a carne assada na brasa provocam fumaça e por isso a rua é considerada uma opção para sua confecção.

Podemos analisar essa apropriação do espaço público como extensão da casa em duas frentes. A primeira no que tange a uma mudança social na delimitação dos espaços da casa. Para Pereira (2012: 16) “a casa tem um centro e uma periferia” que criam uma distinção entre o público e o privado. No Século III d.C. até finais do século XX as cozinhas eram situadas longe dos olhos dos moradores e hóspedes. Havia uma distinção entre os espaços formais e informais bastante clara e as preparações gastronômicas eram feitas à sombra da vida social (Malaguzzi 2008: 79). Essa configuração tem mudado nas últimas décadas com um número crescente de residências projetadas de forma integrada, tendo num mesmo espaço a cozinha, a sala de jantar e sala de estar.

Outra questão a ser pontuada é o significado de habitar que segundo Pereira (2012: 21 apud Bernard 1995: 30) é:

“a relação estabelecida por uma pessoa ou família com a sua casa, uma relação que pode ser analisada através do tempo que a pessoa passa na casa, do interesse que a mesma desperta nos seus moradores e, sobretudo, das práticas que aí são desenvolvidas”.

Nesse sentido podemos considerar que em muitos locais da Graça o espaço público confunde-se com o privado e é criada uma sensação de pertença incorporando essas zonas à residência. Essa apropriação ocorre de forma mais intensa nas Festas dos Santos Populares com a participação espontânea das pessoas no evento quando criam espaços de preparo e venda de sardinhas e outros alimentos à porta de suas casas.

Para Hall (1986: 194) citando o psicólogo Marc Fried ‘O estar na sua casa não é apenas um apartamento ou uma moradia, mas um território onde são vividas algumas das experiências mais significativas da experiência’. A rua, segundo o autor era ‘simultaneamente familiar e íntima’.

A sazonalidade também determinou os tipos de alimentos que eram vendidos nas *roulotes* e, conseqüentemente influenciou o consumo de cada gênero alimentício. As temperaturas mais elevadas favoreciam a presença de *roulotes* de gelados (Fotografia 9 e Fotografia 10) que nos dias de baixas temperaturas estavam fechados (Fotografia 11). Nos dias mais frios a presença de *roulotes* de castanhas era marcante (Fotografia 12).



Fotografia 9: Miradouro Portas do Sol. Graça. 05/10/2017.



Fotografia 10: Largo da Graça. Graça. 19/04/2018.



Fotografia 11: Largo da Graça. 20/12/2017.



Fotografia 12: Largo da Graça. 20/12/2017.

Sobre o consumo de gelados (sorvete) é interessante notar que este alimento permite que as pessoas tanto caminhem enquanto comem, quanto sentem para comer. Esta mesma observação foi possível na zona ribeirinha onde as duas formas de apropriação do espaço (em movimento ou sentados) ocorreram. O gelado é uma opção muito simples de ser consumida e não demanda demasiada atenção possibilitando que nossa coordenação motora e espacial dê conta de sincronizar os movimentos de caminhar e de comer ao mesmo tempo. Outra questão é a forma como o gelado é visto culturalmente. Ele é um alimento que não exige formalidades e combina com a forma mais descontraída que vivemos nos dias de calor. Não há um ritual específico para comer gelado e o valor que atribuímos ao alimento é equivalente tanto se o consumirmos sentados, de pé ou mesmo caminhando.

Outro ponto a observar é a proximidade que cerca a “vida social do gelado”. Em praticamente todas as situações em que havia uma *roulote* de gelados, principalmente nos dias de calor, as pessoas que passavam próximo direcionavam sua atenção para o local. Na fotografia 10, por exemplo, quando da ampliação a 100% foi curioso notar que o homem de cinza caminha paralelamente à *roulote*, com um dos pés apontados para a frente e o outro pé, junto com o movimento da cabeça redireciona o corpo, num cruzar de pernas levando-o até à *roulote*. Aqui temos um exemplo do *punctum* da imagem com uma informação importante que não foi vista pelo fotógrafo (no caso eu) nem pela câmera fotográfica. Somente após a revisitação consecutiva com ampliações maiores é que foi possível percebê-la através do inconsciente ótico.

Esse “chamariz” doce e fresco encanta pessoas de todas as idades e de ambos os sexos. O gelado pode ser considerado um alimento altamente acessível e democrático e fonte de prazer e bem estar.

### **7.1.1. As Festas dos Santos Populares**

Entender o comportamento alimentar e a forma como as pessoas se apropriavam do espaço público para se alimentar durante as Festas dos Santos Populares em Lisboa,

mais especificamente na zona da Graça, parecia não oferecer, num primeiro momento, maiores problematizações.

É claro que a evolução da sociedade e da economia sempre interfere e acaba inclusive por alterar certas características, mas as mudanças ocorridas nos últimos anos foram significativas e provocaram profundas alterações no cenário estudado. As remodelações realizadas no Largo da Graça, que transformaram o espaço em um sítio amplo e multifuncional acabaram por criar uma zona de referência para a realização de eventos festivos e culturais. Ao comparar as imagens realizadas em 2016 com as realizadas em 2017, ano de conclusão das obras no Largo da Graça, pude perceber uma polarização geográfica do evento que se centrou nesse sítio.

É interessante perceber que em 2016 as festas ocorreram em diversos pontos da zona da Graça, marcadamente no Miradouro Portas do Sol (Fotografia 13), Largo de São Cristóvão (Fotografia 14 e Fotografia 15) e, próximo da Graça, mas já em Alfama, no Largo da Igreja de São Vicente de Fora (Fotografia 16). Além desses locais diversas ruas tiveram uma participação marcante com a organização espontânea de moradores que colocavam seus fogões e grelhas nas ruas e criavam um roteiro de consumo gastronômico.



Fotografia 13: Mirador Portas do Sol. Graça. 06/06/2016.



Fotografia 14: Largo de São Cristóvão. Graça. 06/06/2016.



Fotografia 15: Largo de São Cristóvão. Graça. 06/06/2016.



Fotografia 16: Largo da Igreja de São Vicente. Alfama – Festas dos Santos Populares. 06/06/2016.

O ano de 2017 foi marcado por uma organização mais centralizada onde a maior parte das barracas foi disposta no Largo da Graça, ponto de convergência das Festas dos Santos Populares na zona. Nesse ano procurei percorrer o mesmo caminho que havia feito em 2016 para perceber como a apropriação desses espaços pela comensalidade estava acontecendo naquele momento.

Deparei-me com os mesmo espaços, antes cheios de turistas, barracas e muita gastronomia, agora praticamente vazios sem marcadores festivos como decorações e gastronomia típica. O Largo da Igreja de São Cristóvão estava vazio, assim como as escadinhas de São Cristóvão que se tornaram praticamente uma área de passagem. Lembro-me de neste dia sequer fazer uma fotografia, pois não encontrei ninguém comendo. Acabei por me arrepender de não registrar a ‘ausência’ de eventos para a minha pesquisa.

O Miradouro das Portas do Sol (Fotografia 17) estava como de costume. Havia alguns turistas e residentes que apreciavam a paisagem, mas sem nenhum sinal das Festas dos Santos Populares. Em 2016, neste dia de festa as pessoas usufruíam do espaço consumindo alimentos ofertados no quiosque local e sentavam-se nas cadeiras e bancos disponíveis.

Na fotografia 17 a mulher oriental come uma banana, fruta consumida habitualmente entre os portugueses e também incorporada gradativamente aos hábitos de residentes em Portugal. A banana é uma fruta que tem um apelo forte para o consumo devido ao preço reduzido, à praticidade e aos benefícios à saúde que são amplamente divulgados e fazem desta fruta uma opção comum para as refeições. Ela senta-se em uma das extremidades do banco podendo esta opção ser por preferência, por preocupação em proporcionar espaços para as demais pessoas sentarem ou aleatória. Independente do motivo esta opção permite que outras pessoas (sem mesmo pedir licença) sintam-se aptas a sentar-se no mesmo banco sem interferir no espaço individual da mulher e ao mesmo tempo criando seu próprio espaço individual.



Fotografia 17: Miradouro Portas do Sol. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

O mesmo não acontece com a família formada por mãe e filha (Fotografia 18) onde a mãe senta-se no centro do banco e a criança, provavelmente filha, de pé, olhando em direção à câmera, segura uma garrafa de plástico contendo sumo. Pela idade da criança é suposto que tenha preferência por brincar no espaço amplo. Assim podemos sugerir que a mulher apropriou-se desse espaço criando uma zona “não permitida” para sentar-se espontaneamente, podendo isso ocorrer através de um pedido de terceiros para sentar-se no mesmo banco.



Fotografia 18: Mirador Portas do Sol. Graça – Festa dos Santos Populares. 17/06/2017.

Ainda na fotografia 18, no segundo plano<sup>17</sup> há também um casal sentado no centro do banco, mas não só pelo volume ocupado por seus corpos como também pela situação de namoro em que se encontram (um virado para o outro) criam um espaço de exclusividade e praticamente repele a presença de outras pessoas. Nesta imagem

---

<sup>17</sup> Em fotografia conseguimos representar um plano tridimensional (mundo real) em um plano bidimensional (fotografia). Em uma imagem, os elementos que estão mais próximos são representados com um tamanho maior (primeiro plano), já os que estão mais afastados são representados em um tamanho menor (segundo plano, terceiro plano). A isso chamamos de perspectiva que pode ser entendida como a representação das diferentes dimensões de profundidade em um mesmo espaço.

também há um compartilhar do alimento onde o casal divide um sumo industrializado de maçã para hidratar-se e refrescar-se enquanto descansam do passeio de patins.

Sobre esta questão Hall afirma:

“Quando alguém se detém ou senta-se num lugar público, acha-se imediatamente protegido por uma pequena esfera de isolamento, considerada inviolável. A dimensão desse círculo protetor varia com a densidade das pessoas à volta, com a idade, o sexo, a importância do indivíduo em causa e também segundo o ambiente circundante” (Hall 1986: 176).

O Largo da Igreja de São Vicente que antes tinham diversas barracas com comidas tradicionais (Fotografia 19) e que reunia um grande número de pessoas, em 2017 contou com menos barracas e, conseqüentemente menos pessoas a circular pelo sítio.

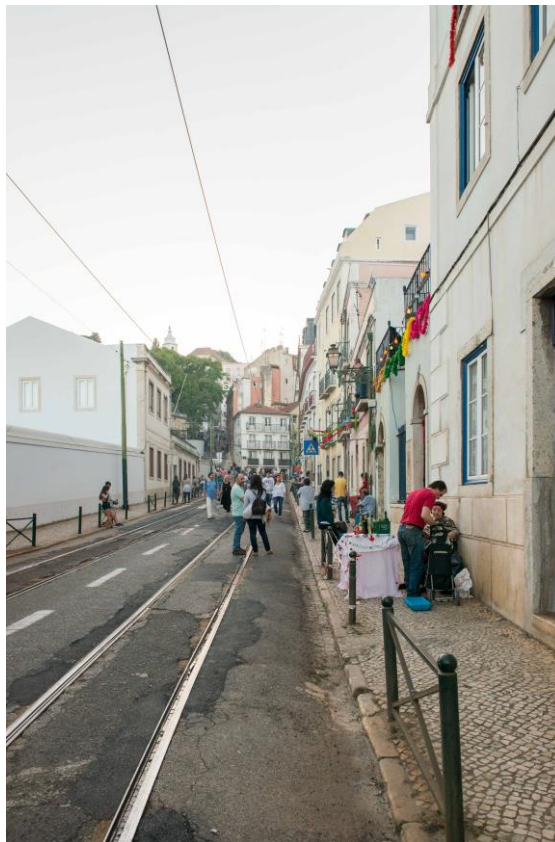


Fotografia 19: Largo da Igreja de São Vicente – Alfama - Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

As pessoas usavam as cadeiras e mesas montadas para o evento, mas também se sentavam para comer nas escadarias da igreja. Na fotografia 20 as seis pessoas do grupo sentado na mesa comiam sardinhas e bebiam cerveja, água ou sumo em lata.



Fotografia 20: Largo da Igreja de São Vicente – Alfama - Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.



Fotografia 21: Tv. São Tomé. Graça. 06/06/2016.

As ruas adjacentes, cuja organização de pequenas manifestações culinárias eram realizadas por moradores continuaram em 2017, como na Rua São Tomé e Tv. São Tomé (Fotografia 21) e 2017 (Fotografia 22).



Fotografia 22: Rua Tv. São Tomé. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

Essa polarização deu-se provavelmente pela adequação do Largo da Graça aos requisitos necessários à organização de uma festa de maiores dimensões como pude observar durante minhas saídas de campo e após a entrevista realizada com Vitor Agostinho, representante da Voz do Operário<sup>18</sup>, Sociedade de Instrução e Beneficência sediada em Lisboa, na Freguesia de São Vicente .

Segundo Vitor Agostinho o principal motivo é de origem comercial, ou seja, corroborando com toda uma estrutura que visa o lucro (e por ele é mantida), é correto assumir que os locais que propiciariam mais rendimentos sejam eleitos para receber os

---

<sup>18</sup> A Voz do Operário foi fundada em 1883 como forma de dar suporte ao então Jornal A Voz do Operário, criado em 1979. O jornal tinha por objetivo dar voz à classe trabalhadora num tempo marcado pela luta contra a monarquia (“A Voz Do Operário” 2018).

Arraiais. É claro que se considera também a organização e remodelação de novos espaços, como foi o caso do Largo da Graça que abrigou o Arraial principal, mas não podemos deixar de considerar que toda a estrutura visa não só o bem estar, mas as consequências deste. Em outras palavras podemos afirmar que um espaço mais adequado agrada mais as pessoas, elas permanecem por mais tempo e, é claro, consomem mais.

Sobre o equipamento urbano que serve de apoio para a realização das festas, como as barracas e mesas utilizadas para o preparo das refeições Vitor faz algumas considerações sobre a descaracterização que estas estruturas vêm paulatinamente sofrendo. Quando questionado sobre as barracas de lona plástica branca que atualmente são utilizadas ele relembra de sua época e argumenta:

*“(...) fazíamos nós próprios as barracas em madeira e prego. Normalmente em frente havia sempre mesas para as pessoas se sentarem. Não eram as mesas de hoje né? Eram as mesas da altura, de madeira. Dava muito trabalho. Nem sei como tínhamos tanta força para isso! Hoje agarramos em 20 cadeiras de plástico e metemos num sítio! Para carregar 20 cadeiras daquelas (de madeira) era preciso muito trabalho. Eu pessoalmente acho que devíamos evoluir para uma situação de tendas que olhassem mais para a nossa tradição. Não estou a dizer que fôssemos outra vez para aquilo de madeira e prego, mas que houvesse um mobiliário urbano que não fosse aquele plástico, acho que dá um desconforto quando uma pessoa olha para aquilo; ‘Mas o que é que aquilo tem haver com o popular?’. Isso (o plástico) não é nada popular. (...). Devia ser criado um design que fosse mais agradável” (Vitor Agostinho, 19 de fevereiro de 2018).*

Nesse sentido é interessante observar a presença de *Food Trucks* personalizados que buscam uma estética mais tradicional, mas, ao mesmo tempo, utilizando estruturas modernas como é o caso da “barraca” que vende Courato (Fotografia 23) e Farturas (Fotografia 24).



Fotografia 23: Largo da Graça. Festas dos Santos Populares. 17/06/2018.



Fotografia 24: Largo da Graça. Festas dos Santos Populares. 17/06/2018.

Ambas são estruturas móveis que possibilitam o fácil deslocamento e redução do trabalho, tempo de instalação e mão de obra necessária para a montagem nos espaços festivos, mas nota-se uma importante diferença nos materiais utilizados para caracterização externa dos *Food Trucks*. Enquanto o revestimento da barraca de courato (Fotografia 23) foi feito com tábuas de madeira, a de fartura foi feita com uma plotagem em lona sintética imitando madeira (Fotografia 24). A versatilidade dos materiais existentes com possibilidade de simulação de ambientes rústicos, imitando as antigas

barracas de madeira, torna possível, de certa forma, o resgate da memória das antigas festas.

Apesar da evolução das estruturas o cardápio oferecido não sofreu grandes alterações e conserva as tradições das Festas dos Santos Populares tendo como pratos indispensáveis as sardinhas e bifanas além de caracóis, farturas, courato entre outros. Outra questão que diz respeito ao espaço público, às práticas alimentares e à comensalidade é o papel do elétrico<sup>19</sup> que, colocado na calçada, nas festas é atração na Voz do Operário (Fotografia 25).



Fotografia 25: A Voz do Operário. Alfama – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

---

<sup>19</sup> Após ser a “surpresa” da marcha de São Vicente, organizada pela Academia Recreativa Leais Amigos, o elétrico foi doado à entidade e desde então virou seu símbolo nessa época festiva. A surpresa de marcha é um elemento decorativo de grande porte utilizado por cada instituição participante para se destacar e agradar o público e o júri no intuito de ser vitoriosa nos desfiles. No caso do elétrico criou-se uma espécie de vínculo entre o transporte real, representado pelo elétrico 28 e o elétrico da Voz do Operário. Contamos o sr. Vítor que os motoristas dos elétricos, nas Festas dos Santos, ao passarem pela entidade tocam a sineta, como um cumprimento e a barraca moderna, numa atitude de empatia responde com a mesma apitada.

O ato de comer requer certo grau de conforto e atenção. Procuramos sempre sentarmo-nos e estarmos suficientemente acomodados para desfrutar de uma boa comida, mas quando encontramos-nos em situações limite, onde existe a ausência de equipamentos ou excesso de pessoas, criamos uma espécie de tolerância que nos permite apropriar-nos dos espaços de forma incomum.

As Festas dos Santos Populares que ocorrem anualmente em Lisboa são um exemplo dessa apropriação informal. Durante minhas pesquisas pude confirmar que a zona da Graça, que marcadamente não oferece grandes possibilidades de apropriações informais do espaço por ter grande oferta de serviços de restauração e equipamentos urbanos torna-se rica na variedade como as pessoas encontram soluções para o momento de fazerem as refeições.

Essa busca de solução vai desde a aceitação em comer de pé (Fotografia 26 e Fotografia 27) até a utilização de um muro alto como apoio para a colocação dos pratos (Fotografia 28). Para quem prefere sentar-se vale colocar-se de joelho (Fotografia 29) para participar da refeição com um grupo de pessoas ou mesmo utilizar o degrau de uma escada, de costas para as festas para ter um pouco de conforto (Fotografia 30).



Fotografia 26: Largo da Graça. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.



Fotografia 27: Largo da Graça. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.



Fotografia 28: Largo da Graça. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

Na fotografia 28 o casal cria seu espaço colocando os pratos em cima do muro e virando-se um para o outro, criando uma espécie de área restrita. A refeição é individualizada onde cada um tem um prato com chouriço e outro com pão. O homem bebe o que aparenta ser uma sangria de vinho tinto

Para Hall (1986: 129) ‘O que é desejável é a flexibilidade do espaço e uma congruência entre o plano e a função, garantindo uma variedade de espaços que se prestam ou não aos contatos referidos conforme as ocasiões e os humores dos indivíduos’.



Fotografia 29: Largo da Graça. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.



Fotografia 30: Largo da Graça. Graça – Festa dos Santos Populares. 10/06/2017.

Em 2018 fotografei as festas dos Santos Populares da Graça no seu último dia (17/06/2018) e pude perceber algumas diferenças na maneira como as pessoas se apropriavam dos espaços públicos. Mesmo sendo um dia festivo e de fim de semana, (domingo), o último dia das festas na zona já contava com um número bastante reduzido de público e barracas com oferta de alimentos (Fotografia 31, Fotografia 32 e Fotografia 33).



Fotografia 31: Largo da Graça. 17/06/2018.



Fotografia 32: Largo da Graça. 17/06/2018.



Fotografia 33: Largo da Graça. Festas dos Santos Populares. 17/06/2018.

Neste dia, por haver um público reduzido, não houve apropriações informais dos espaços públicos da zona da Graça. Havia cadeiras e bancos disponíveis para o público que estava no local, mas, mesmo assim, pode-se observar a prática de comer certos alimentos caminhando, como farturas, por exemplo (Fotografia 34 e Fotografia 35).



Fotografia 34: Largo da Graça. Festas dos Santos Populares. 17/06/2018.



Fotografia 35: Largo da Graça. Festas dos Santos Populares. 17/06/2018.

Uma mudança importante foi a realização de Festas dos Santos Populares na Ribeira das Naus, o que não fora observado no ano anterior (2017)<sup>20</sup>. No espaço verde entre as rampas e a doca seca foi organizada uma estrutura com barracas de lona branca, mesas e cadeiras que, além de comidas típicas portuguesas, como as bifanas, ofereciam outras especialidades culinárias, como, por exemplo, a caipirinha brasileira (Fotografia 36, Fotografia 37 e Fotografia 38).



Fotografia 36: Ribeira das Naus. 17/06/2018.



Fotografia 37: Ribeira das Naus. 17/06/2018.

---

<sup>20</sup> Novamente aqui, assim como na Graça me arrependo de não haver fotografado essas ausências.



Fotografia 38: Ribeira das Naus. 17/06/2018.

## ***7.2. A zona da Praça do Comércio, da Ribeira das Naus e do Cais do Sodré***

A zona ribeirinha difere da zona da Graça não somente por sua forma de ocupação, que é principalmente turística e comercial, mas pelas opções urbanísticas que foram definidas para aquele espaço. A região, que dentro dos objetivos do Plano Diretor Municipal tinha como uma das principais funções estabelecer uma conexão entre a cidade e o rio e entre as pessoas e o rio, privilegiou um espaço amplo, sem interferências arquitetônicas e paisagísticas que obstruíssem uma visão mais ampla.

Os diferentes projetos estabeleceram conexão com o Tejo encontrando soluções distintas para cada área, no entanto todos estiveram alinhados com o objetivo de conectar as pessoas com o rio. Essa aproximação, a meu ver de sucesso, conseguiu ao mesmo tempo criar uma zona de contemplação do Tejo, mas, ao mesmo tempo sem criar a sensação de afastamento. Em todos os projetos houve a preocupação de que a contemplação não estivesse desvinculada da pertença e do contato com os elementos naturais no espaço.

Diferentemente da Graça, cujos equipamentos urbanos e rede de restauração favorecem um consumo alimentar mais formal, com mesas, cadeiras e bancos tradicionais, a Praça do Comércio, Ribeira das Naus e Cais do Sodré, ao contrário, tem,

desde a concepção, um conceito alternativo para esses equipamentos. A multifuncionalidade não condiciona um uso específico, pelo contrário, proporciona às pessoas a possibilidade de apropriarem-se do espaço de diferentes formas criando suas próprias estratégias de bem estar.

Na Praça do Comércio, apesar de seu caráter monumental e sem zonas de estadia existe uma apropriação marcante das escadarias do Monumento Equestre de Dom José I. Essa apropriação para fazer as refeições, além de ocorrer por ser o único ponto possível de sentar-se em todo o perímetro da praça, estava condicionada também às temperaturas e presença de luz solar. Independente da época do ano, nos dias com sol a presença de pessoas era marcante (Fotografia 39 e Fotografia 40).



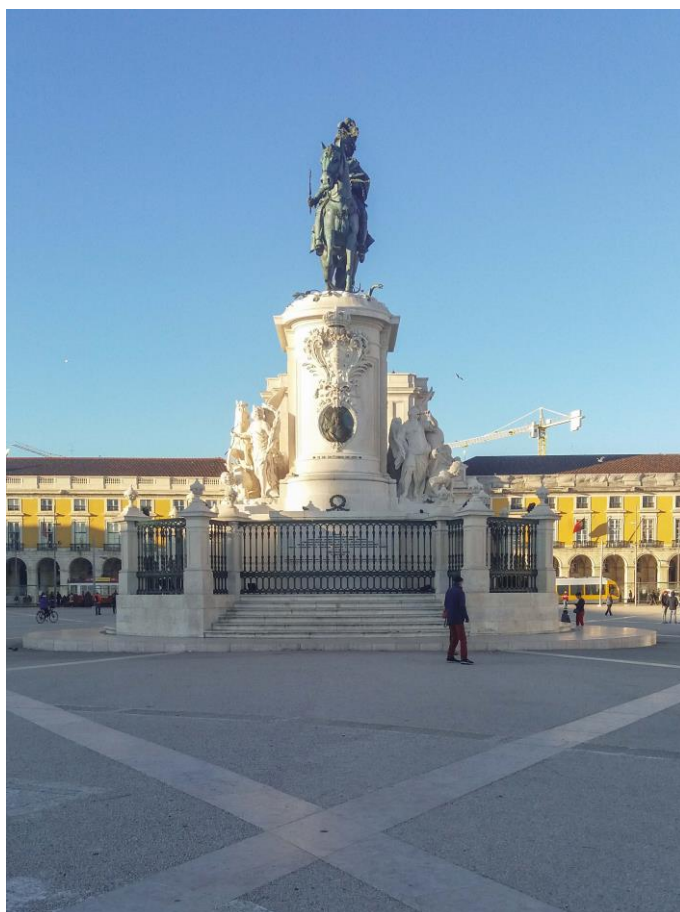
Fotografia 39: Praça do Comércio. 14/01/2018.



Fotografia 40: Praça do Comércio. 01/04/2017.

O mesmo não acontecia nos dias frios sem luz solar direta (Fotografia 41) onde o frio e ausência de sol não propiciava o conforto térmico desejado que favorecesse a estadia no local.

Nas imagens 39 e 40 os alimentos consumidos são pastéis de nata, que, dispostos em caixas contendo várias unidades são bons para compartilhar. As imagens também demonstram a ocupação dos diversos grupos no espaço que são separados entre si por distâncias maiores quanto maior o espaço disponível.



Fotografia 41: Praça do Comércio. 29/11/2017.

Nos dias com temperaturas um pouco mais quentes e com sol a Praça do Comércio, nomeadamente as escadarias que circundavam a estátua equestre ficavam praticamente ocupadas com dezenas de pessoas descansando, confraternizando e realizando suas refeições que neste dia em específico eram predominantemente de sumos, bebidas alcoólicas como cerveja e água. (Fotografia 42 e fotografia 43).

Com o aumento do público a tolerância entre os espaços que separam os grupos vai aumentando fazendo com que, em certos momentos, elas praticamente não existam.



Fotografia 42: Praça do Comércio. 02/06/2018



Fotografia 43: Praça do Comércio. 02/06/2018

Nos dias de calor intenso as escadarias também serviam como área de descanso e local para refeições, mas as pessoas permaneciam preferencialmente nas áreas de sombra para se refrescar. No dia 17/06/2018, dia de jogo da Copa do Mundo (Brasil X Suécia) pode-se observar uma diferença da apropriação deste espaço. O Monumento Equestre foi cercado com grades de segurança expondo somente uma pequena parte do primeiro degrau das escadas. Algumas pessoas sentaram-se ali, mas a grande maioria preferiu ficar de pé, sob a proteção da sombra gerada pela estátua diante do sol (Fotografia 44).



Fotografia 44: Praça do Comércio. 17/06/2018.

Os alimentos ofertados zona do Bairro Alto, Chiado e Baixa Chiado também influenciaram nos alimentos consumidos na região estudada. A sazonalidade também influenciou no consumo de alguns destes gêneros alimentícios que tinham sua oferta baseada em estações do ano específicas, como no caso das castanhas, por exemplo. O pastel de nata esteve presente durante todo o ano com as pessoas comprando caixas do produto nas imediações e deslocando-se até a zona ribeirinha para comer (Fotografia 40 e Fotografia 45).



Fotografia 45: Cais das Colunas com vista para a Praça do Comércio. 29/11/2017.

As castanhas apareceram principalmente na Praça do Comércio, tanto junto à estátua equestre (Fotografia 46, Fotografia 47 e Fotografia 48) quanto no Cais das Colunas (Fotografia 49 e Fotografia 50) e ocorreu somente nos períodos de baixas temperaturas, no começo do outono, inverno ou nos primeiros dias de primavera, quando o frio ainda era intenso.



Fotografia 46: Vendedor de Castanhas. Praça do Comércio. 11/12/2016.



Fotografia 47: Venda de Castanhas. Praça do Comércio. 10/12/2017.



Fotografia 48: Venda de Castanhas. Praça do Comércio. 10/12/2017.



Fotografia 49: Vendedoras de Castanhas. Cais das Colunas com vista para a Praça do Comércio. 29/11/2017.



Fotografia 50: Casal comendo castanhas. Cais das Colunas. 29/11/2017.

As castanhas eram geralmente compartilhadas entre duas ou mais pessoas e consumidas preferencialmente quando sentadas.

O desaparecimento das castanhas marcou o aparecimento das *roulotes* de sorvetes que criaram pequenos círculos de condensação de pessoas, principalmente nos dias quentes (Fotografia 51 e Fotografia 52). Sobre essa questão é interessante apresentar alguns resultados da pesquisa de Faria (2016) que estudou a Ribeira das Naus e as formas de apropriação desse espaço público. A pesquisa ressaltou a importância dos carrinhos de comida e bebida ambulante afirmando que, localizado em um ponto

estratégico, todas as pessoas serão obrigadas a passar por ele sendo atraídas pelo seu conteúdo e que esse aumento de público é um crescente na medida em que pessoas atraem mais pessoas. (Faria 2016: 74 apud William Whyte 2001: 52).



Fotografia 51: Cais das Colunas. 05/10/2017.



Fotografia 52: Cais das Colunas. 02/06/2018

A maneira como as pessoas tomavam sorvete variou quanto às formas de apropriação do espaço podendo ser desde comer de pé próximo às *roulotes*, sentar-se em zonas próximas, comer caminhando ou mesmo sentar-se em zonas um pouco afastadas de onde havia sido feita a compra (Fotografia 53).



Fotografia 53: Ribeira das Naus. 18/04/2018.

A zona da Praça do Comércio, Ribeira das Naus e Cais do Sodré se encontra geograficamente localizada em uma área com maior exposição aos ventos e, conseqüentemente às variações de temperatura. As características urbanísticas, que não impuseram barreiras no espaço, deixaram a área exposta tornando a sua ocupação bastante condicionada às implicações climáticas da sazonalidade. Nos dias de frio, sem sol ou com ventos moderados a forte a zona não é opção preferencial de ocupação (Fotografia 54 e Fotografia 55) tornando-se principalmente zona de passagem.



Fotografia 54: Ribeira das Naus. 10/12/2017.



Fotografia 55: Ribeira das Naus. 10/12/2017.

Durante o período abrangido pela pesquisa pude perceber que a zona, independente das estações do ano é ponto de visitação para turistas e moradores, mas é apenas nos dias de calor, ou de frio, mas com a presença de sol que as pessoas se permitem permanecer no local (Fotografia 56 e Fotografia 57). Essa permanência aumentada pelo bem estar de temperaturas mais agradáveis favorece, por sua vez, os momentos de confraternização e apropriação do espaço para fazer as refeições.

Gehl (2013: 20) afirma que em condições meteorológicas desfavoráveis quase nada acontece, mas quando as condições ‘são toleráveis, cresce o rol das atividades necessárias’ e ‘os pedestres ficam tentados a parar para apreciar o tempo, os lugares e a vida na cidade’.



Fotografia 56: Ribeira das Naus. 02/06/2018.



Fotografia 57: Ribeira das Naus. 02/06/2018.

Nos dias frios e de inverno sem sol ou chuvosos a quantidade de pessoas é reduzida (Fotografia 58 e Fotografia 59), mas ainda assim, na zona do pontão da Ribeira

das Naus as pessoas preferem sentar-se nas cadeiras voltadas para o muro fazendo do mesmo descanso para as pernas e mesa para apoio de copos e pratos. Esta zona também é um ponto onde o consumo de bebidas alcólicas é bastante acentuado, principalmente por tratar-se de uma região servida por um quiosque e que dispõe de DJ e serviço de mesa.



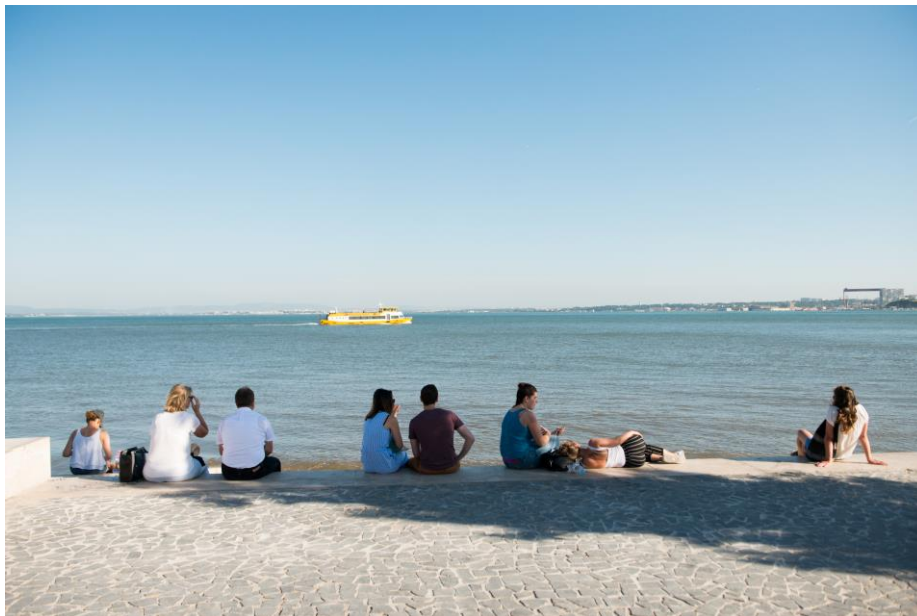
Fotografia 58: Ribeira das Naus. 10/12/2017.



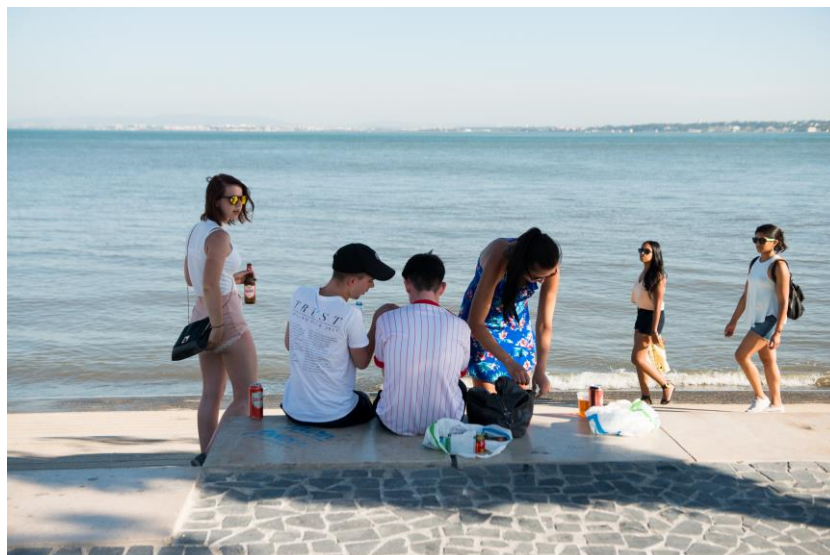
Fotografia 59: Ribeira das Naus. 10/12/2017.

Nos dias de muito calor a apropriação desta zona é reduzida e modificada dependendo da hora e da temperatura. Em dias de altas temperaturas a preferência do público é por sentar-se para fazer as refeições à sombra gerando a sensação de maior frescor como nas fotografias 60 e 61 na Ribeira das Naus.

Nestes dias também se percebe o consumo predominante de líquidos, principalmente cerveja e água e nota-se a diferença quanto à forma de aquisição dos produtos. Ao contrário do pontão da Ribeira das Naus onde a aquisição se dá principalmente através da compra de produtos no quiosque, nas imagens 60 e 61 mostra que o consumo se dá através da compra em mercados próximos que depois são levados na mão ou em sacos plásticos até o local final de consumo.



Fotografia 60: Ribeira das Naus. 17/06/2018.

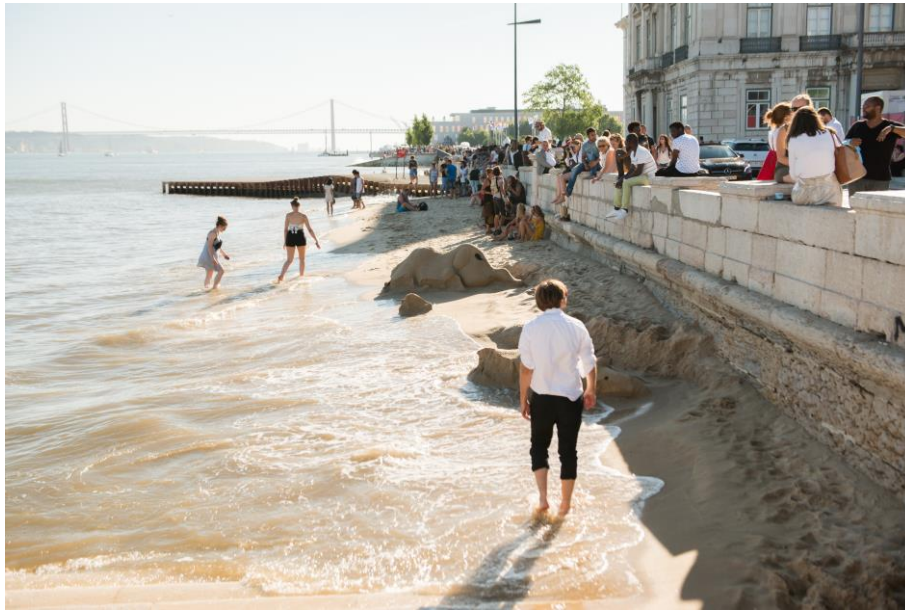


Fotografia 61: Ribeira das Naus. 17/06/2018.



Fotografia 62: Ribeira das Naus. 17/06/2018

De forma geral a sazonalidade determina a quantidade de ocupação dessas regiões, porém, excetuando-se alguns espaços a forma de utilização se mantém. Um exemplo dessa ocupação diferenciada é a “praia” do Cais das Colunas, junto à Praça do Comércio. Além da apropriação tradicional sentando-se no muro e bancos junto à calçada, em dias de altas temperaturas (e pelo observado somente nesses dias) as pessoas sentavam-se na areia (Fotografia 63), junto ao rio para se proteger da luz solar direta e descansar em temperaturas mais amenas.



Fotografia 63: Cais das Colunas. 17/06/2018.

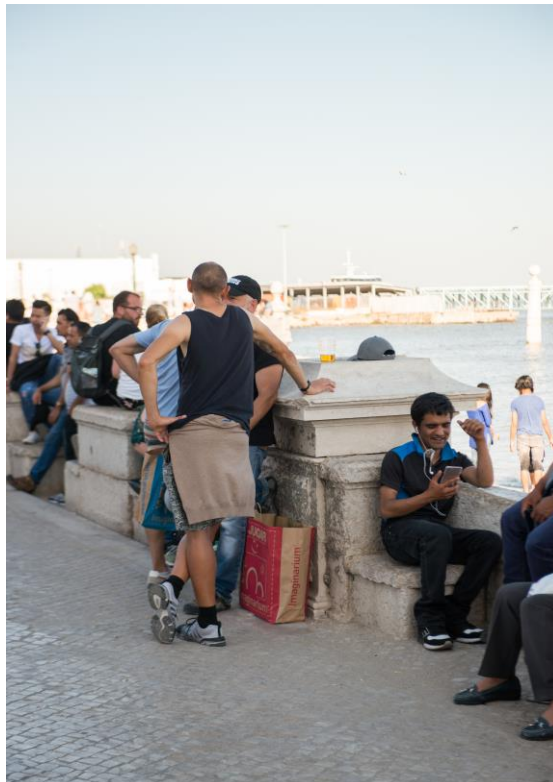
No Cais das Colunas os bancos propriamente ditos são subutilizados. O muro serve como local bastante atrativo para sentar principalmente pela possibilidade de apoiar os pés no banco propriamente dito, cuja altura do joelho é bastante confortável.

Na imagem 64 a água em garrafas plásticas é consumida de forma individualizada pelos dois homens sendo que um deles bebe outro gênero alimentício em garrafa de alumínio. A moldura da coluna serve como mesa para apoiar as bebidas. Na mesma imagem um adolescente sozinho come um gelado sentando-se na moldura da coluna, ao invés de usá-la como mesa.



Fotografia 64: Cais das Colunas. 17/06/2018.

Neste dia o grande número de pessoas gerou uma ocupação completa das áreas de estadia formais e informais. Para aqueles que desejavam beber algo fresco à sombra as molduras da coluna serviram como mesa e ponto de apoio e descanso (Fotografia 65).



Fotografia 65: Cais das Colunas. 17/06/2018.

Na área de rampas e gramado da Ribeira das Naus observam-se mudanças quanto à apropriação do espaço de acordo com a sazonalidade. Em dias de temperaturas baixas e amenas, mesmo em horas centrais do dia estar ao sol torna-se agradável para descansar e fazer refeições (Fotografia 66, Fotografia 67 e Fotografia 68).



Fotografia 66: Ribeira das Naus. 18/04/2018.



Fotografia 67: Ribeira das Naus. 18/04/2018.



Fotografia 68: Ribeira das Naus. 02/06/2018

Neste amplo espaço é possível a configuração de diferentes grupos formados desde uma única pessoa, duplas, até grupos de 5, 10 ou mais pessoas no momento de fazer as refeições.

A opção por estar nessa zona é também devido à forma preferencial de fazer as refeições, no estilo *piquenique*, proporcionando maior contato com a “natureza”. O ‘termo francês *piquenique* descreve as refeições feitas durante uma caminhada, ao ar livre onde todas as pessoas contribuem com comida e bebida’ (Malaguzzi 2008: 97). Essa conformação também demonstra intimidade entre os que participam da refeição no compartilhar o alimento e indicam um senso de união e proximidade entre todos. Sobre a quantidade e variedade de alimentos Ehlert (2016: 83) afirma que as pessoas consomem mais alimentos quando estão em grupos do que quando estão sozinhas. Este fenômeno pode ser observado em Lisboa com uma variedade e quantidade maior de gêneros alimentícios consoante o tamanho grupo.

Sobre a questão de estar em contato com a natureza que colocamos anteriormente entre aspas, Lévi Strauss fala acerca da diferença entre “natureza” e “natural” e explica que natureza é uma realidade pré-cultural, anterior a qualquer forma, processo ou senso de cultura. Já “natural” é o que a cultura faz da natureza (Fisk 2002:

35). Assim as rampas são uma produção cultural em direção a um urbanismo mais natural.

Nas imagens 66, 67 e 68 percebe-se, pela presença de sacolas plásticas e produtos industrializados, que os alimentos foram comprados em mercados próximos, como o Pingo Doce do Cais do Sodré, nomeadamente.

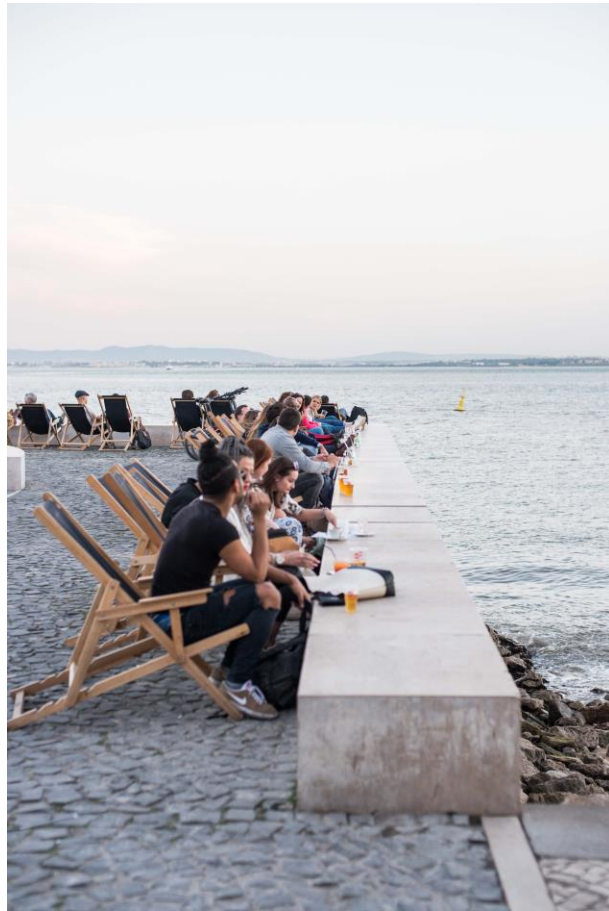
Em dias de temperaturas elevadas as rampas tornam-se segunda opção por não terem árvores que forneçam sombras. Existe assim uma migração de ocupação aonde a preferência vai em direção à área verde plana e arborizada ao lado das rampas que fornece uma ampla cobertura verde com sombras (Fotografia 69).



Fotografia 69: Ribeira das Naus. 17/06/2018.

No pontão da Ribeira das Naus o consumo de comida e bebidas é condicionado predominantemente pela seleção disponibilizada pelo quiosque existente, mas é interessante notar que, apesar da oferta de mesas e cadeiras o muro de proteção é vastamente utilizado como bancos e mesas onde as pessoas dispõem seus copos e pratos. Essa utilização é condicionada desde o projeto de João Gomes que, como referimos anteriormente, concebeu o elemento para ser multifuncional, considerando as medidas do corpo humano no que dizia respeito ao conforto e segurança.

Nos dias com temperaturas mais amenas, com sol e pouco vento a ocupação vai aumentando gradativamente (Fotografia 70 e Fotografia 71).



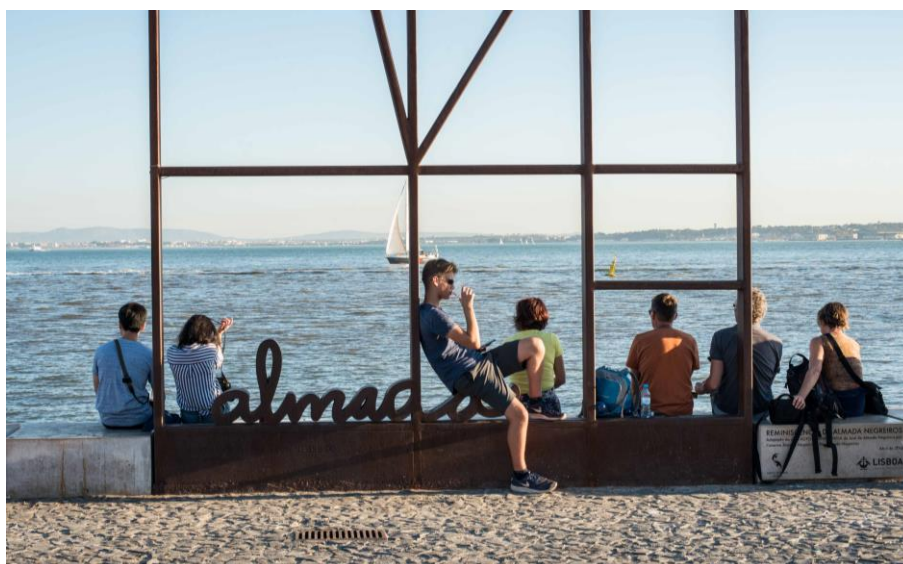
Fotografia 70: Ribeira das Naus. 10/03/2017.



Fotografia 71: Cais do Sodré com vista para a Ribeira das Naus. 14/01/2018.

Esse aumento de temperatura é marcado pelo aumento do número de pessoas e, conseqüentemente pela permanência de tempo em cada local. Essa permanência prolongada está diretamente ligada à necessidade de fazer algum tipo de refeição, seja ela com objetivos fisiológicos para saciar a fome, hidratar-se ou para confraternizar em torno de uma “mesa” de alimentos.

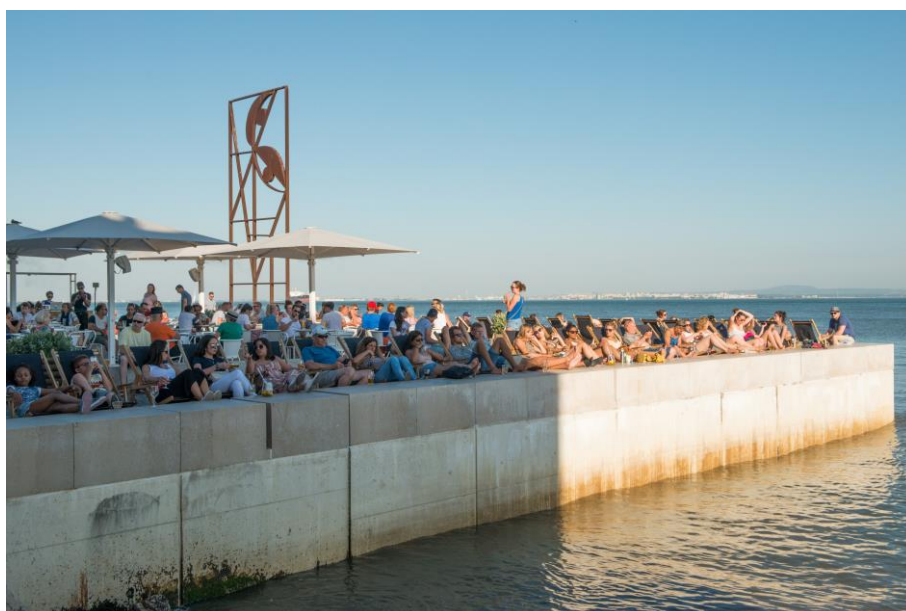
Nos dias de temperaturas mais elevadas, próximos ao verão onde ao sol já é possível ficar sem casacos ou roupas pesadas o espaço torna-se imensamente atrativo aumentando exponencialmente o número de pessoas que ocupam o espaço (Fotografia 72, Fotografia 73 e Fotografia 74).



Fotografia 72: Ribeira das Naus. 05/10/2017.



Fotografia 73: Ribeira das Naus. 05/10/2017.



Fotografia 74: Ribeira das Naus. 17/08/2018.

Na região do Cais do Sodré, imediatamente ao lado do pontão da Ribeira das Naus onde há o quiosque, há uma particularidade com relação ao espaço localizado

junto ao edifício, na parte externa com cobertura onde são dispostas algumas mesas e cadeiras. As fotografias 75 e 76, respectivamente de outubro e março apresentam a mesma zona ocupada de formas distintas. Na imagem 75 percebe-se que a ausência de sol direto estimula as pessoas a sentarem-se na parte descoberta. Mesmo com temperaturas amenas (22°C) existe a procura por zonas mais iluminadas e aquecidas. Já na imagem 76, com 29°C a mesma área sombreada agora se torna apetecível de estar devido ao clima quente e sem vento.

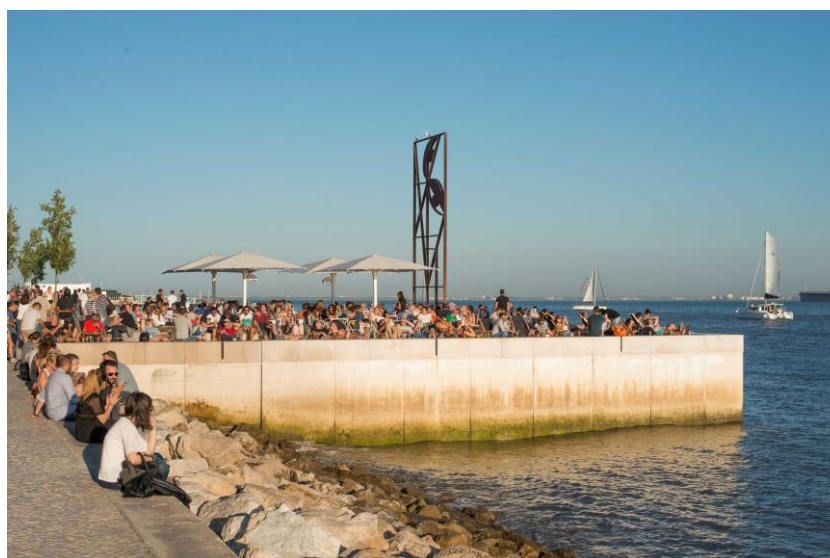


Fotografia 75: Reflexo nos vidros da Ribeira das Naus. Cais do Sodré. 10/03/2017.

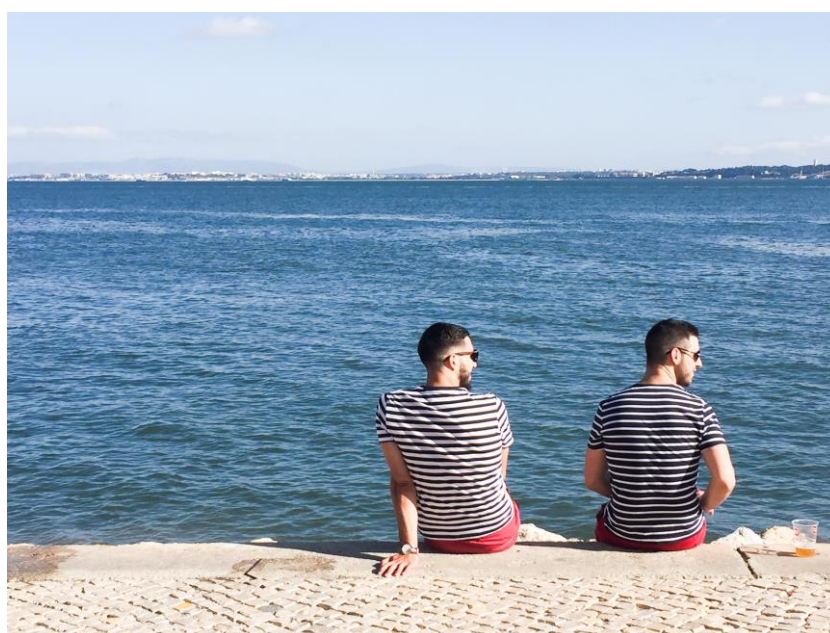


Fotografia 76: Reflexo nos vidros da Ribeira das Naus. Cais do Sodré. 05/10/2017.

O calor também tem influência no aquecimento das pedras da estrutura do Cais do Sodré, na área próxima ao pontão da Ribeira das Naus e estimula a apropriação destes espaços como bancos. No frio, mesmo com sol, o desconforto das baixas temperaturas não proporciona a utilização das pedras brutas para sentar-se (Fotografia 77) o que é drasticamente modificado no verão, onde, além da apropriação tradicional (Fotografia 78) os grandes blocos de pedra, mesmo não tendo uma superfície plana, favorecem o seu uso como banco devido ao conforto gerado pelas pedras aquecidas (Fotografia 79).



Fotografia 77: Cais do Sodré com vista para Ribeira das Naus. 05/10/2017.



Fotografia 78: Cais do Sodré. 02/06/2018.



Fotografia 79: Cais do Sodré. 02/06/2018.

Em dias de temperaturas mais altas essa zona sofre alterações quanto à ocupação diminuindo o número de pessoas que permanecem no local. Não só as pedras não são ocupadas como também o muro que fica exposto ao sol também sofre redução de ocupação (Fotografia 80).

Assim como nos demais espaços públicos estudados as pessoas nessa zona também conservam certa distância entre os demais, preservando um espaço individual, criando um ambiente de conforto e “proteção”.



Fotografia 80: Cais do Sodré. 17/06/2018.

“A extrema sensibilidade da pele às mudanças de temperatura e de textura traz-nos duas faculdades sensoriais suplementares, cujo papel não consiste somente em assinalar ao indivíduo as alterações afetivas ocorridas nos outros, mas também em fornecer-lhe acerca de seu meio uma informação de natureza particularmente pessoal. No homem, o sentimento de espaço está ligado ao sentimento do Eu, que por sua vez está em relação íntima com o ambiente. Deste modo, certos aspectos da personalidade ligados à atividade visual, quinesésica, tátil, térmica, podem ver seu desenvolvimento inibido ou, pelo contrário, estimulado pelo meio ambiente” (Hall 1986: 77).

O Cais do Sodré, tanto no Cais das Pombas e na Praça Roque Gameiro, apresenta uma particularidade que é a proximidade ao supermercado Pingo Doce. Neste espaço existe um consumo condicionado à oferta de itens alimentícios do mercado. É comum observar sacos de pão, caixas de sumo de 1 litro, refrigerantes, latas de sardinha, pizzas e frutas ainda em sacos plásticos transparentes. Esse consumo mais variado dá-se principalmente nos dias de calor e apesar do quiosque existente na Praça Roque Gameiro oferecer algumas refeições, o consumo alimentar informal é bastante acentuado (Fotografia 81 a 86).

Na sequência de imagens, que retratam diversos ângulos e dias na Escultura Muro de Irene Buarque, no Cais do Sodré percebemos diversas conformações no que diz respeito ao número de pessoas e a disposição espacial que assumem no momento de alimentar-se.

As pessoas que estão sozinhas geralmente sentam-se com os pés para baixo colocando os alimentos ao seu lado (Fotografia 81, Fotografia 82 e Fotografia 84). Nestas imagens podemos perceber que a compra dos gêneros foi efetuada nos mercados próximos. Na imagem 84 a refeição é composta por água engarrafada em embalagem plástica, ameixa pré-embalada em recipiente de plástico rígido e uvas que foram acondicionadas em um saco plástico.



Fotografia 81: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 29/11/2017.



Fotografia 82: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 29/11/2017.

As duplas, formadas por casais ou amigos também se acomodam no local de diferentes maneiras. Geralmente quando são formadas por casais eles se aproximam mais um do outro e podem estar sentados de frente na posição de lótus com a comida ao seu lado (Fotografia 83) ou sentados um ao lado do outro, com as pernas para fora e o alimento ao lado (Fotografia 84). Nestas duas imagens é interessante observar que os refrescos com sabor (que estão em garrafas verdes) são individualizados, mas a garrafa de água (Fotografia 84) é compartilhada.



Fotografia 83: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 18/04/2018.



Fotografia 84: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 18/04/2018.

Na fotografia 85 todas as refeições são individualizadas existindo duas caixas de pizza e duas garrafas de água. A comida é colocada entre as duas mulheres que são provavelmente mãe e filha. Apesar de serem porções individuais o posicionamento das caixas, uma em cima da outra indica que provavelmente serão compartilhadas dividindo-se a pizza da primeira caixa e, na sequência, da segunda. A mais jovem, de casaco azul senta-se voltada para a mãe, em posição de lótus, já a mulher de mais idade senta-se de forma mais tradicional, com as pernas para baixo. Sobre a garrafa de água

nota-se que a garrafa da filha, em cor verde, parece ter sido reutilizada enquanto a da mãe, em plástico transparente parece ter sido recém-comprada, inclusive por estar cheia. Outra questão interessante sobre a posição do alimento propriamente dito é a forma como a mulher mais velha posiciona a garrafa: perto de si e deitada protegendo-a não só da luz solar, que poderia aquecer a água, mas possivelmente para evitar uma queda da garrafa, preocupação essa que talvez uma pessoa mais jovem não considerasse.

Ainda nesta imagem, após ampliação a 100% no computador percebi que a mulher de jaqueta de couro preta que está de costas, voltada para o Rio Tejo também come algo que provavelmente é uma batata chips. O pacote provavelmente está seguro entre as suas pernas que assumem uma posição dobrada, como contenção de forma a proteger o alimento. Essa opção também é uma indicação de individualização da refeição já que não está entre as pessoas e, portanto, é para consumo somente da mulher que detém o alimento.



Fotografia 85: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 18/04/2018.

A largura suficientemente grande do muro permite que as pessoas possam ocupar os dois lados da estrutura, na mesma linha no sentido terra-mar como na fotografia 86, por exemplo. Essa largura favorece uma ocupação do espaço mais otimizada em dias de maior fluxo de pessoas possibilitando a criação de espaços individuais na mesma estrutura.



Fotografia 86: Escultura Muro de Irene Buarque. Cais do Sodré. 16/06/2018

No Cais das Pombas os bancos são utilizados diferentemente nas distintas estações do ano. Nos dias mais frios, ou com frio e vento não é uma área prioritária para sentar-se, assim como em todo o perímetro do Cais do Sodré e Ribeira das Naus, que, como apresentado anteriormente, também sofre uma diminuição de público. Mesmo este mobiliário, onde se esperava usos mais convencionais, são utilizados de formas distintas ao longo do ano (Fotografia 87 a 90). As temperaturas mais quentes estimulam a convivência entre as pessoas em espaços públicos e as diferentes idades também criam novas possibilidades de apropriarem-se de espaços teoricamente pré-concebidos.

Nas fotografias 87 e 88, com aumento da temperatura também ocorre naturalmente uma maior apropriação do local pelo público, que se faz mais presente.



Fotografia 87: Cais do Sodré. 18/04/2018.

Na fotografia 88 ocorre uma apropriação distinta do mobiliário urbano que até então não havia sido observada. O banco bastante versátil proporcionou diferentes formas de apropriação permitindo que, além das partes convencionais, os jovens sentassem no topo, na conexão entre os dois bancos.



Fotografia 88: Cais das Pombas. Cais do Sodré. 16/06/2018.



Fotografia 89: Cais do Sodré. 14/01/2018.

Na fotografia 89 os alimentos foram abandonados em opção ao descarte, que provavelmente seria considerado uma forma quase criminosa de desperdício de alimento. Um pão baguete inteiro e um iogurte adoçado (que não sabemos afirmar se está aberto ou lacrado) foram deixados cuidadosamente no banco à espera de alguém que se habilitasse a comê-los.



Fotografia 90: Cais do Sodré. 14/01/2018.

Na fotografia 90 um homem lê um livro. Ao seu lado estão os indícios do consumo de algum tipo de hidrato de carbono (que pode ser pão, bolo, doces, etc.) provavelmente comprados no mercado Pingo Doce. Na outra parte do banco uma jovem mulher organiza seus pertences de viagem após desfrutar de um vinho tinto com seu companheiro, que aparece no segundo plano com o bebê ao colo.

Sobre o consumo de bebidas mais elaboradas como vinhos e licores em garrafas percebemos que se dá principalmente por turistas que compram os itens em mercados e depois deslocam-se até a zona ribeirinha para desfrutar da bebida na companhia de amigos ou familiares. Ao contrário da cerveja, onde pode ser observado o consumo em grupos ou sozinho, bebidas mais “requintadas” “pedem” companhia e geralmente são consumidas em pares ou grupos.

Ainda sobre essa questão, retornando à fotografia 56 chamo a atenção a algumas discussões importantes. Na imagem, o grupo formado por dois homens e duas mulheres, provavelmente dois casais bebem algum tipo de bebida destilada acondicionada em uma garrafa de vidro redonda achatada (que pôde ser identificada visualmente, mas não foi captada na imagem, pois os mesmos não deixaram a garrafa exposta). Na situação somente os homens bebem. Eles utilizam taças de plástico rígido transparente para servir a bebida. É interessante perceber as motivações que levaram a essa escolha podendo elas ser direcionadas à uma melhor adequação do recipiente ao *status* da bebida, pois mesmo sendo de plástico, tem o objetivo de simular taças de vidro ou cristal sendo mais apropriada ao ritual de beber destilados.

Neste caso seria interessante refletir sobre a contradição existente nessa situação fazendo a seguinte pergunta: Se as pessoas tem hábitos alimentares mais refinados a ponto de escolher uma boa bebida, omití-las do público de forma a aparentar respeito e sobriedade e comprar taças que simulam utensílios mais requintados, por que não foram diretamente sentar-se em uma das mesas do quiosque que estava logo à frente, onde seriam servidos com os utensílios adequados e certo “glamour”?

Foi após esse questionamento que coloquei em pauta diversas questões que ainda não havia considerado, mas que merecem destaque, principalmente por Lisboa, nomeadamente a zona ribeirinha ser um local diferenciado no que versa sobre as práticas culturais alimentares.

Para Bell (1997: 125) o ato de comer em público, como em restaurantes por exemplo, é um ato de distinção que contém um série de práticas culturais e sociais com normas e códigos. Além disso há a própria reputação do estabelecimento que constrói seu valor não só pelo local em que está inserido como também pela presença de chefs famosos que agregam valor ao local. O ato de comer ao ar livre de acordo com Malaguzzi (2008: 97) diferencia-se do comer na rua e dos piqueniques, pois comer ao ar livre pressupõe a existência de estruturas formais como mesas e cadeiras.

Em Lisboa, os espaços formais com a acentuada presença de esplanadas com mesas e cadeiras servindo de extensões a restaurantes e quiosques estão lado a lado com os espaços públicos que possibilitam apropriações informais, mais livres e despidos de normas e códigos de conduta que limitam as possibilidades criativas de apropriação.

No espaço público não há julgamentos (Bell 1997: 131) a não ser aqueles que estão em vigor pelas leis de cada local, em que no caso de Portugal está permitido o consumo de bebidas alcoólicas na rua. Nesse sentido criar a sua própria refeição glamourosa sem precisar adequar-se a padrões e códigos é no mínimo libertador em uma sociedade altamente condicionada e limitada pelos espaços pré concebidos, que nos engessam e amortecem.

“A cidade como local de encontro também é uma oportunidade para trocas democráticas, onde as pessoas têm livre acesso para expressar sua felicidade, tristeza, entusiasmo ou raiva em festas de rua, manifestações, marchas ou encontros. Além dos vários encontros diretos com os concidadãos, essas manifestações são uma condição indispensável para a democracia”(Gehl 2013: 157).

No entanto ainda existe um outro ponto crucial a ser discutido nesta pesquisa que leva em consideração a excecionalidade de Lisboa no que diz respeito à importância e valor que os espaços públicos representam para a sociedade, seja ela para residentes ou turistas. A pergunta que faço é: O espaço público, nomeadamente a zona ribeirinha em questão, que reputação tem? Bell (1997: 127) afirma que comer fora é um barômetro da vida social, mas o comer nos espaços públicos se apropriando informalmente das estruturas também é um barômetro da vida social?

A resposta que encontro, e que, sem a pretensão de ser definitiva pode indicar uma possível resposta, é que sim. Comer na rua, se apropriando informalmente dos

espaços públicos, nomeadamente a zona Ribeirinha da Praça do Comércio ao Cais do Sodré pode sim ser considerado um ato de distinção.

Uma amiga espanhola ilustradora certa vez me disse que Lisboa era uma cidade muito peculiar, pois não tinha um lugar que a definisse. “Pode ser vários lugares” ela falou. Se vamos à França podemos visitar a Torre Eiffel, mas precisamos comer em um verdadeiro restaurante francês ou experimentar um doce típico em uma *patisserie* para sentirmo-nos fazendo parte do ambiente. Quando estive em Marrocos passei de camelo pelo deserto de Zagora, mas precisei comer couscous em panela de barro própria e restaurante típico para me sentir fazendo parte da cultura. No Brasil quem vai ao Rio de Janeiro precisa visitar o Cristo Redentor e depois ir até um restaurante e comer uma típica feijoada ou em algum quiosque tomar uma caipinha.

Lisboa é diferente. Lisboa é como o maior órgão do corpo humano: a pele. Você vive Lisboa e se conecta com ela em praticamente toda a sua extensão. É possível se sentir Lisboa indo ao Pingo Doce do Cais do Sodré, comprando uma lata de sardinha, um pão de Mafra, azeitonas, vinho, comprar as castanhas assadas, sentar-se à beira do Tejo e fazer dessa refeição um momento de extrema intimidade e conexão com o espaço e a cultura.

Como na música símbolo de Lisboa de Amália Rodrigues “Cheira a Lisboa” talvez a atração dessa incrível cidade resida no aroma das águas misturado com a história dos velhos edifícios, do bacalhau vendido no mercado, mas também na abertura da lata de sardinha que pode ser feita como um piquenique nas rampas da Ribeira das Naus, como no Cais do Sodré. Como afirma Hall (1986: 64) no que diz respeito à proximidade:

“Sensações olfativas desse tipo contribuem para criar uma impressão de vida; e as passagens e transições de um cheiro para outro não servem apenas de pontos de referência aos habitantes, como acrescentam intensidade à vida cotidiana”.

Nesse sentido Lisboa e seus espaços públicos tem a rara característica de produzir um sentimento de pertença a quem quer que seja, homens e mulheres, jovens e idosos; Todos têm esse forte sentimento de conexão e bem estar com a cidade.

Uma particularidade em todas as zonas estudadas refere-se ao Largo Duque de Terceira, pertencente ao Cais do Sodré. Em todas as saídas fotográficas não foi observada a presença de pessoas apropriando-se informalmente do espaço para fazer refeições. É possível afirmar que em nenhuma saída fotográfica observou-se sequer a permanência de pessoas no local, mesmo que somente sentadas em volta do monumento (Fotografia 90).



Fotografia 91: Largo Duque de Terceira. Cais do Sodré. 17/06/2018.

Essa ausência é provavelmente determinada pela área na qual o largo está circunscrito. Em todos os lados do local há ruas com tráfego intenso de veículos e muito barulho devido aos carros, autocarros e elétricos que passam a todo instante. Não há necessariamente uma área de contemplação e o Largo Duque de Terceira torna-se primariamente uma área de passagem e observação histórica.

## 8. Considerações Finais

Na área estudada percebemos que os profissionais estavam fortemente conectados com esse novo conceito de planejar as cidades e os projetos do Cais do Sodré, Ribeira das Naus, Praça do Comércio e Graça levaram em conta aspectos fundamentais de valorização do bem estar e escala humana.

Para Hall (1986: 17) é necessário que arquitetos e urbanistas considerem o homem como interlocutor do ambiente que os rodeia considerando as suas necessidades proxémicas. O autor também afirma que toda a ‘forma de ordenação do espaço, do escritório à pequena ou grande cidade, exprime o comportamento sensorial dos seus construtores e dos seus ocupantes’ sendo essencial perceber como as pessoas percebem o espaço e de que sentidos se servem para o organizar (Hall 1986: 168).

O autor também afirma que as relações que o homem mantém com seu ambiente dependem ao mesmo tempo de seu aparelho sensorial e de como o ambiente os estimula a reagir. Hall (1986: 77) afirma que os espaços urbanos têm se mostrado pouco estimulantes aos olhos, que oferecem pouca variedade visual fazendo com que as pessoas se sintam frustradas ou entravadas no plano quinestésico.

A gerência desses espaços, nomeadamente a Câmara Municipal de Lisboa, que tem como função conceber as bases ideológicas do “viver e conviver na cidade nos espaços públicos” assume primordial importância como modulador do convívio nas cidades. A instituição, que tem na Direção Municipal de Planeamento, Reabilitação e Gestão Urbanística, além de outros subsectores, a sua orientadora, vem realizando há anos um gerenciamento eficiente e coordenando projetos urbanísticos de qualidade que visa a valorização e bem estar das pessoas.

Os arquitetos envolvidos na elaboração dos projetos em questão tem se mostrado sensíveis a estes detalhes e tem dado prova que a atenção a estas particularidades como textura, espaços multifuncionais, simples, mas criativos podem ser um excelente

caminho para o estímulo de vivências de valor, de experiências sensorialmente significativas que promovam melhor qualidade de vida nas cidades.

### **8.1. Zona Ribeirinha – da Praça do Comércio ao Cais do Sodré**

Independente da época do ano os espaços públicos estudados são ocupados por pessoas que se apropriam de suas estruturas de formas distintas. No Cais do Sodré, Ribeira das Naus e Praça do Comércio, projetos concebidos em sua matriz para serem multifuncionais e proporcionarem liberdade quanto às possibilidades “criativas” de apropriação, vemos uma maior diversificação dos usos de acordo com a sazonalidade. Nos dias frios e sem sol as pessoas usufruem dos espaços em menor número e não usam todas as potenciais opções existentes no que tange à apropriação dos mesmos para alimentar-se. Zonas frias, geladas e muito expostas aos ventos são evitadas.

Nos dias muito quentes também há uma redução do público em áreas muito expostas ao calor. Zonas de luz solar direta e superfícies demasiado aquecidas, como pedras, por exemplo, são evitadas em certos horários. As áreas de sombra, como as geradas por árvores, por edifícios ou guarda-sóis são disputadas, podendo inclusive ocorrer ocupações não convencionais, como a área de sombra criada pelo muro de contenção na praia do Cais das Colunas, por exemplo.

Nos dias de temperatura amena, podendo inclusive estar ligeiramente frio, mas com sol nota-se uma maior homogeneidade de ocupação com todas as áreas ocupadas de forma igualitária. Nesses dias não há presença de grandes sensações de frio ou extremo calor, que causem desconforto. Nas áreas de sol é possível permanecer com roupas mais leves e nas áreas de sombra as pessoas mantêm-se devidamente aquecidas utilizando casacos.

Há uma presença bastante equilibrada entre os sexos masculino e feminino no que diz respeito aos consumidores e vendedores de alimentos que trabalham nas *roulotes* e quiosques. A idade do público que usufrui do espaço apropriando-se das estruturas para alimentar-se é bastante variada incluindo desde jovens até pessoas

maduras, na faixa dos 60-70 anos. Não se observou muitos idosos aparentando mais de 80 anos na zona, tanto nas épocas de frio quanto de calor. A presença de crianças era restrita à companhia da família (pai e mãe, ou somente mãe, ou somente pai) e não se observou grupos de crianças sozinhas, nem grupos de crianças acompanhadas de adultos.

A estrutura e organização das pessoas eram diversificados podendo estar sozinhos, em duplas (amigas ou amigos), casais heterossexuais e homossexuais, grupos de três a quatro pessoas, até grupos maiores, com quase dez pessoas. Os grupos maiores eram formados por adolescentes e jovens, principalmente na região de relva da Ribeira das Naus e nos bancos do Cais das Pombas, no Cais do Sodré. Essas regiões foram concebidas, desde o projeto, para possibilitar um agrupamento maior com condições confortáveis de estadia.

A caracterização do público que visitava o local era bastante variada sendo formado por turistas e residentes, em sua maioria aparentando um nível social e econômico mediano. Não havia pedintes no local e as raras pessoas de classe baixa que se encontravam na zona eram predominantemente homens que estavam usufruindo do espaço a comer. Durante a pesquisa deparei-me com apenas dois homens pobres usufruindo do espaço público para comer, sendo que os mesmos traziam comidas visivelmente caseiras.

Associado ao fenômeno de urbanização houve um aumento do desperdício de comida (Ehlert 2016: 85) e produção de lixo. O consumo de alimentos industrializados vendidos em embalagens plásticas e de papel gerou um excedente de resíduos que em dias de maior fluxo de pessoas não cabiam nas lixeiras e acumulavam-se no chão ou eram levados pelo vento. Também foi possível ver alimentos abandonados nos bancos.

Os alimentos consumidos eram determinados, além da sazonalidade, pela oferta de gêneros de restaurantes, quiosques e supermercados nas imediações. As castanhas apareciam nos dias de frio (fim do outono até início da primavera, quando a temperatura ainda estava baixa). Os sorvetes começaram a aparecer em maio e estenderam-se até meados de outubro. Também as frutas, por seu frescor, apareceram como opção de consumo quando do aumento da temperatura.

Produtos como o pastel de nata, pizzas pães e enlatados como a sardinha e azeitonas, por exemplo eram consumidos o ano todo por sua oferta não ser sazonal e por sua temperatura favorecer o paladar tanto em dias quentes quanto frios.

Os produtos estilo Take Away, como pastel de nata e pizzas eram consumidos em todas as zonas favorecidos pela proximidade de restaurantes, padarias e *fast foods* da Baixa Chiado, Chiado, Bairro Alto e Cais do Sodré. Os produtos industrializados como pães, biscoitos, sardinhas, azeitonas, sumo de frutas em caixa, refrigerantes, frutas, castanhas, etc., eram consumidos principalmente na região do Cais do Sodré e Ribeira das Naus devido à sua proximidade com o mercado Pingo Doce, no Cais do Sodré.

Além do consumo realizado por compra em restaurantes, quiosques, *roulotes* e mercados, também há o consumo de alimentos preparados em casa e trazidos em marmitas, hábito bastante comum entre os lisboetas.

O consumo de bebida alcóolica deu-se em todas as épocas do ano. No inverno foi principalmente disponibilizado pelos restaurantes e quiosques. No verão o consumo além destes, foi também disponibilizado nas *roulotes* e pela aquisição de bebidas no mercado Pingo Doce.

As bebidas consumidas eram cerveja, em copos de plástico e garrafas, drinks servidos em canecas de vidro e sumo de frutas. Nos dias mais quentes, junto aos quiosques, viam-se bebidas mais elaboradas como a sangria servida em jarras para partilhar e vinho e espumante em taças.

Nos dias de mais calor houve grupos de pessoas partilhando garrafas de bebidas como vinho e destilados, provavelmente adquiridos em supermercados. Interessante notar que em ambos os casos os grupos bebiam em copos e em taças de plástico acrílico transparente imitando os utensílios de vidro.

No caso de Lisboa ambos os sexos bebiam em público não havendo nenhuma restrição no tipo ou quantidade de bebida sendo “permitida” o consumo tanto para homens quanto mulheres.

Sobre a revitalização dos espaços diminuindo a quantidade de vias para automóveis como aconteceu no Largo da Graça e na Praça Roque Gameiro, no Cais do

Sodré, consideramos ser um grande avanço em busca de um espaço público de melhor qualidade para o cidadão. Para Hall (1986: 198)

“O automóvel é o maior consumidor de espaço pessoal e público que o ser humano jamais inventou.[ ] O automóvel devora os espaços que poderiam servir para contatos e encontros, acabando por corroer tudo à sua volta, dos parques aos passeios’.

Desta forma, mais uma vez, a equipe da CML e os profissionais envolvidos na remodelação desses espaços mostram-se atentos às tendências de construir espaços que, como afirma Hall (1986: 200-201), não asfixiem os centros urbanos aumentando a participação sensorial das pessoas.

## **8.2. A zona da Graça**

A zona da Graça caracteriza-se por uma configuração mais tradicional do espaço público com mobiliário urbano e estruturas convencionais, como bancos de madeira nos largos e praças e cadeiras e mesas oferecidos pelos restaurantes, cafés e quiosques das imediações. A existência de opções óbvias para sentar-se e alimentar-se resulta numa conseqüente inexistência de estímulo/necessidade de realizar apropriações informais desse espaço.

No mês de junho, período das Festas dos Santos Populares essa apropriação é distinta devido ao grande público presente. As pessoas ocupam lugares como escadarias, muros e chão para sentar-se ou apoiar-se para fazer as refeições. Essa apropriação mais informal também foi observada de forma muito restrita, principalmente pelo público jovem, nos miradouros, quando se sentavam nos muros e grades de proteção para fazer as refeições e contemplar a paisagem ao pôr-do-sol. É importante notar que essa apropriação informal foi observada somente nos dias com temperaturas mais quentes e em dias de frio moderado, mas com sol. Nos dias de frio, por ser uma área bastante sombreada, as pessoas procuravam sentar-se nas zonas iluminadas e aquecidas.

Os alimentos consumidos eram prioritariamente os servidos pelos quiosques, *roulotes*, restaurantes e cafeterias próximas. Alguns alimentos ofertados, seguindo a mesma lógica da zona ribeirinha, eram determinados pela sazonalidade como as castanhas que apareceram no frio e os sorvetes que tomaram seu lugar aos primeiros indícios de aumento de temperatura.

Quanto às pessoas que usufruem dos espaços públicos percebe-se que, além de turistas e residentes em Lisboa, há uma ocupação destes espaços pelos moradores da própria zona, principalmente idosos e famílias com crianças. Esses moradores, que vivem a poucas dezenas de metros fazem dos espaços públicos locais tradicionais de descanso e relaxamento diário, além da possibilidade de socialização e convivência. Nesse sentido é bastante pertinente o projeto ‘Uma Praça em Cada Bairro’ da CML que visa proporcionar espaços verdes e de bem estar próximo às áreas de residência dos cidadãos.

## 9. Conclusão

Esta tese de mestrado teve como objetivo construir um discurso visual sobre a comensalidade nos espaços públicos de Lisboa nos bairros da Graça e zona ribeirinha da Praça do Comércio ao Cais do Sodré. Pretendíamos perceber como as pessoas se apropriavam dos espaços públicos informalmente construindo novos significados e usos para estruturas arquitetônicas, urbanísticas e de engenharia, quando do momento de fazer as refeições.

Para tal esta pesquisa baseou-se em revisão de literatura, saídas de campo e entrevistas. Na revisão de literatura focamos em dois aspectos que embasaram a investigação. Primeiro apresentamos as relações existentes entre a fotografia e antropologia e a crescente aplicabilidade que a imagem vem tendo nos estudos antropológicos. Exploramos também o conceito de inconsciente ótico como um meio de analisar e reconstruir sentidos para além daquilo que o olho é capaz de ver no momento da fotografia. Posteriormente caracterizamos as áreas estudadas e o espaço público, seus usos, funções e sua importância como um espaço de socialização e consumo.

As saídas de campo consistiram em um acompanhamento fotográfico visando observar as práticas alimentares da comensalidade nas áreas pesquisadas cujo período deu-se de dezembro de 2016 a junho de 2018. As entrevistas envolveram os profissionais ligados à CML, ateliês de arquitetura responsáveis pelos projetos e líderes de entidades ligadas às Festas dos Santos Populares da Graça.

Os resultados da análise imagética foram claros no que concerne à modificação das formas de apropriação dos espaços públicos informalmente para alimentar-se mostrando que a sazonalidade (temperatura, sol, vento, etc.) não só implica diferentes ofertas de alimentos como influencia a forma como as pessoas se apropriam dos espaços.

Mostrou que a ocupação na Graça, cujos espaços públicos oferecem mais opções formais de apropriação do espaço com mesas, cadeiras e bancos não estimula a

utilização mais informal dos espaços, mas que, durante as Festas dos Santos Populares, com um número excedente de pessoas existe uma utilização diferenciada e criativa dos espaços.

Com a análise fotográfica da zona ribeirinha foi possível concluir que o desenho de espaços multifuncionais, com maior possibilidade criativa de apropriação estimulou as pessoas a terem maior liberdade e construir significados distintos para cada estrutura no momento de alimentar-se.

Percebemos que a proxémia depende das diferenças culturais, ambientais e comportamentais que variam de situação para situação, mas que nas zonas estudadas existe certo padrão de apropriação e criação de espaços individuais nos espaços públicos. Foi perceptível, de forma geral, que em situações onde havia mais espaço que demanda as pessoas e/ou grupos guardavam maiores distâncias entre si no momento de alimentar-se, mas que, à medida que a demanda por espaços aumentava a tolerância também aumentava e as bolhas de segurança e “espaços reservados” diminuía possibilitando distâncias mais próximas entre os distintos grupos.

Concluimos com as entrevistas que essa apropriação informal dos espaços e estruturas públicas, muito além de ser inesperada, fazia parte dos objetivos iniciais dos arquitetos e urbanistas que desenharam um espaço para que as pessoas pudessem criar com liberdade seus próprios usos e funções.

O presente estudo apresenta resultados cujo campo pode auxiliar os profissionais de arquitetura e urbanismo e gestores públicos a repensar o espaço público bem como em meios de organizá-los para promover maior bem estar e liberdade aos cidadãos. Para os antropólogos e nutricionistas este estudo abre um amplo caminho para a discussão sobre os comportamentos alimentares e suas correlações com a cidade, os espaços públicos e o próprio mercado de consumo.

Futuras investigações poderiam utilizar, além das entrevistas com os profissionais, entrevistas com as pessoas que se apropriam dos espaços com vistas a incluir aspectos emocionais, étnicos, etários, etc., na caracterização de uso dos mesmos.

Por fim, este estudo mostrou a pertinência na utilização de imagens fotográficas não somente como suporte à pesquisa antropológica, mas sim como ponto de partida

para a investigação acerca da Antropologia da Alimentação e suas conexões com as diversas áreas de conhecimento explanadas nesta tese.

## 10. Referências Bibliográficas

- “A Voz Do Operário.” 2018. Accessed March 15.  
<http://www.avozdooperario.pt/index.php/a-voz-do-operario/historia>.
- Barbosa, Andréa. 2014. “Imagem, Pesquisa e Antropologia.” *Cadernos de Arte e Antropologia*, no. Vol. 3, No 2 (October). Núcleo de Antropologia Visual da Bahia: 3–8. doi:10.4000/cadernosaa.770.
- Barthes, Roland. 1980. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70.
- Bell, David. 1997. *Consuming Geographies. We Are Where We Eat*. Londres e Nova Iorque.
- Benjamin, Walter. 1987. *Obras Escolhidas - Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios Sobre Literatura e História Da Cultura*. 4th ed. São Paulo: Brasiliense.
- Campos, Ricardo. 2011. “Imagem e Tecnologias Visuais Em Pesquisa Social: Tendências e Desafios\*\* Image and Visual Technologies in Social Research: Trends and Challenges.” *Análise Social XLVI*: 237–59.  
<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n199/n199a03.pdf>.
- Cardoso, Ryzia de Cassia Vieira; et al. 2014. “Introduction.” In *Street Food . Culture , Economy , Health and Governance*, edited by Stefano Roberto; Companion Michèle. Cardoso, Ryzia de Cassia Vieira; Marras, 301. Nova York.
- Carvalho, Rita Valbordo. 2011. “Lugar Da Rua: Lugares de Encontro Na Cidade Contemporânea. o Caso Da Ru Junqueira.” Faculdade de Arquitectura.
- Dubois, Philippe. 2017. “Da Imagem-Traço à Imagem-Ficção: O Movimento Das Teorias Da Fotografia de 1980 Aos Nossos Dias | Dubois | Discursos Fotográficos.” *Discursos Fotográficos* 13 (22): 31–51. doi:10.5433/1984-7939.2017v13n22p31.
- Edwards, Elizabeth. 2015. “Anthropology and Photography: A Long History of Knowledge and Affect.” *Photographies* 8 (3): 235–52.  
doi:10.1080/17540763.2015.1103088.
- Ehlert, Judith. 2016. “Emerging Consumerism and Eating out in Ho Chi Minh City, Vietnam.” In *Food Consumption in the City: Practices and Patterns in Urban Asia and the Pacific*, edited by Marlyne Sahakian, 71–89. Routledge.
- Estefanía, M. Jose Bosqued et. al. 2017. “Hábitos Alimentarios: Adquisición y Modificación.” In *Nutrición En Salud Pública*, edited by Miguel Ángel Royo Bordonada, 517. Madri: Escuela Nacional de Sanidad.  
<http://gesdoc.isciii.es/gesdoccontroller?action=download&id=11/01/2018->

5fc6605fd4%0Ahttp://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1135-57272007000500012&lng=es.

Faria, Inês Calais dos Santos. 2016. “Espaço Público Na Sociedade Contemporânea.” *Paisagem Urbana Ribeirinha: estudo da Praça do Comércio através do olhar fotográfico*.

Fatorelli, Antônio. 2017. “Notas Sobre a Fotografia Analógica e Digital.” *Discursos Fotográficos* 13 (22): 52–68. doi:10.5433/1984-7939.2017v13n22p52.

Feniman, Stefany Ferreira; et. al. 2015. “COMIDA E CULTURA : ANTROPOLOGIA DA ALIMENTAÇÃO EM COMUNIDADES RURAIS DO PARANÁ.” In *Colloquium Humanarum*, 63–80. Presidente Prudente. doi:10.5747/ch.2015.v12.n1.h188.

Fisk, John. 2002. *Reading the Popular*. Edited by Routledge. 2ª edição. Londres e Nova York.

Fonseca, Alexandre Brasil, Thaís Salema Nogueira de Souza, Daniela Sanches Frozi, and Rosangela Alves Pereira. 2011. “Modernidade Alimentar e Consumo de Alimentos: Contribuições Sócio-Antropológicas Para a Pesquisa Em Nutrição.” *Ciência & Saúde Coletiva* 16 (9): 3853–62. doi:10.1590/S1413-81232011001000021.

Fraser, Sir James G. 1978. “Prefácio.” In *Argonautas Do Pacífico Ocidental: Um Relato Do Empreendimento e Da Aventura Dos Nativos Nos Arquipélagos Da Nova Guiné Melanésia*, 2nd ed. São Paulo: Abril Cultural.

Gehl, Jan. 2013. *Cidade Para as Pessoas*. 2nd ed. São Paulo: Perspectiva.

Goodwin, Charles. 2001. “Practices of Seeing Visual Analysis: An Ethnomethodological Approach.” In *Handbook of Visual Analysis*, edited by Theo van Leeuwen and Carey Jewitt, 225. Londres: SAGE Publications Ltd.

Hall, Edward T. 1986. *A Dimensão Oculta*. Edited by Relógio D’Água. Lisboa.

Holmberg, Christopher, John E. Chaplin, Thomas Hillman, and Christina Berg. 2016. “Adolescents’ Presentation of Food in Social Media: An Explorative Study.” *Appetite* 99: 121–29. doi:10.1016/j.appet.2016.01.009.

“IPhotoChannel.” 2017. *A Brasileira Que Fotografou Capas Da Revista Time Usando iPhone*.

Lima, Romilda De Souza; et. al. 2015. “Alimentação , Comida e Cultura : O Exercício Da Comensalidade Food and Culture : The Exercise of Commensality.” *Demetra* 10 (3): 507–22. doi:10.12957/demetra.2015.16072.

Low, Kelvin E. Y., and Elaine Lynn-Ee Ho. 2018. “Eating in the City.” *Food, Culture & Society* 21 (1). Routledge: 2–8. doi:10.1080/15528014.2017.1398467.

- Macdougall, David. 1997. "The Visual in Anthropology." In *Rethinking Visual Anthropology*, edited by Howard Banks, Marxcus; Morphy, 276–95. Londres: Yele University Press.  
<https://www.uio.no/studier/emner/sv/sai/SOSANT4110/h17/pensumliste/macdougall.pdf>.
- Malaguzzi, Silvia. 2008. *Food and Feasting in Art*. Los Angeles: The Paul Getty Museum.
- Marques, Sandra C. S., and Ricardo Campos. 2017. "Políticas de Visualidade, Práticas Visuais e a Construção de Espaços de Imaginação." *Cadernos de Arte e Antropologia*, no. Vol. 6, No 2 (August). Núcleo de Antropologia Visual da Bahia: 5–10. doi:10.4000/cadernosaa.1250.
- Martins, José de Souza. 2008. *Sociologia Da Fotografia e Da Imagem*. São Paulo: Editora Contexto.
- Mauss, Marcel. 2003. "Ensaio Sobre as Variações Sazonais Das Sociedades Esquimós: Estudo de Morfologia Social." In *Sociologia e Antropologia*, 423–504. São Paulo: Cosac Naify.
- Moreira, Daniel de Carvalho. 2009. "Discussão Sobre a Importância Do Programa de Necessidades No Processo de Projeto Em Arquitetura" 9 (2): 31–45.
- Moreira, Sueli Aparecida. n.d. "Alimentação e Comensalidade: Aspectos Históricos e Antropológicos," no. 9: 23–26.
- Neto, Manoel Gustavo de Souza, and Maria João Cantinho. 2016. "Do Inconsciente Ótico Ao Inconsciente Histórico: Imagem e Fotografia Na Teoria Da História de Walter Benjamin." *Revista Trama Interdisciplinar* 6 (3).  
<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/8720/5548>.
- Novaes, Sylvia Caiuby. 2012. "A Construção de Imagens de Campo Em Antropologia." *Illuminuras* 13 (31): 11–29.
- Pereira, Sandra Marques. 2012. *Casa e Mudança Social: Uma Leitura Das Transformações Da Sociedade Portuguesa a Partir Da Casa*. Casal de Cambra: Caleidoscópio.
- Ribeiro, Rita Cássia, Rita Cássia Marques, and Edgar Gastón Jacobs Flores Filho. 2016. "A Criatividade Dos Chefes Na Cozinha e o Consumo Moderno Da Gastronomia." *DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde* 11 (2): 265–74.  
 doi:10.12957/demetra.2016.15443.
- Samain, Etienne. 1995. "“Ver” e “Dizer” Na Tradição Etnográfica: Bronislaw Malinowski e a Fotografia." *Horizontes Antropológicos* 1 (2): 23–60. <https://www.ufrgs.br/ppgas/ha/pdf/n2/HA-v1n2a04.pdf>.
- . 2012. "As Peles Da Fotografia : Fenômeno , Memória / Arquivo." *Vsualidades*

10 (1): 151–64.

Samain, Étienne. 2001. “Quando a Fotografia ( Já ) Fazia Os Antropólogos Sonharem : O Jornal La Lumière ( 1851-1860 ) 1.” *Revista de Antropologia* 44 (2): 89–125.

Soilo, Andressa Nunes. 2012. “A Arte Da Fotografia Na Antropologia: O Uso de Imagens Como Instrumento de Pesquisa Social.” *Revista Habitus* 10 (2): 72–79.

Sontag, Susan. 2004. *Sobre Fotografia*. Edited by Schwarcz. 1st ed. São Paulo.

Spradley, James P. 1980. *Participant Observation*. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich Inc.

“Tazio Secchiaroli.” 2018. Accessed July 1. <https://www.taziosecchiaroli.it/>.

Tissa, Tatiana. 2012. “A Popularização Da Fotografia e Seus Efeitos : Um Estudo Sobre o a Disseminação Da Fotografia Na Sociedade Contemporânea e Suas Consequências Para Os Fotógrafos e Suas Produções.” *Projética Revista Científica de Design* 3 (1): 168–82.

Vale, Mário. 2016. “Cidade, Sociedade e Futuro: Um Comentário a Gaspar e Capel.” *Finisterra L1* (101): 137–41.

Vinuto, Juliana. 2014. “A Amostragem Bola de Neve Na Pesquisa Qualitativa: Um Debate Em Aberto.” *Temáticas* 22 (44): 203–20.

Weski, Thomas. 2018. “Magnum Photos.” Accessed July 25. <https://www.magnumphotos.com/photographer/martin-parr/>.

Yasmeen, Gisèle. 2000. “Not ‘From Scratch’: Thai Food Systems and ‘Public Eating.’” *Journal of Intercultural Studies* 21 (3): 341–52. doi:10.1080/07256860020007494.